



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA
MESTRADO EM LETRAS**

ADRIANO ELIAS DA SILVA

**CORPOS DISSIDENTES: A TEORIA QUEER E O DISPOSITIVO DE (BIO)PODER
EM O CASULO DANDARA**

**São João del-Rei
Novembro de 2023**



ADRIANO ELIAS DA SILVA

**CORPOS DISSIDENTES: A TEORIA QUEER E O DISPOSITIVO DE (BIO)PODER
EM O CASULO DANDARA**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Teoria Literária e Crítica da Cultura

Linha de pesquisa: Literatura e Memória Cultural


Orientador: Prof.º. Dr.º. João Barreto da Fonseca

Novembro de 2023


Adriano Elias da Silva

**CORPOS DISSIDENTES: A TEORIA QUEER E O
DISPOSITIVO DE (BIO)PODER EM O CASULO DANDARA**


Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **JOAO BARRETO DA FONSECA**
Data: 14/12/2023 21:15:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. João Barreto da Fonseca – UFSJ
(Presidente/Orientador)

Documento assinado digitalmente
 **ANA CRISTINA NASCIMENTO GIVIGI**
Data: 18/12/2023 23:45:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Nascimento Givigi – UFRB
(Titular Externa)

Documento assinado digitalmente
 **VANESSA MAIA BARBOSA DE PAIVA**
Data: 14/12/2023 23:08:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Vanessa Maia Barbosa de Paiva - UFSJ
(Titular Interno)

Prof.^a Dr.^a Nádia Dolores Fernandes Biavati
Coordenadora do PPG em Letras

Dezembro de 2023



Emitido em 16/01/2024

HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 1/2024 - PROMEL (13.20)

(Nº do Protocolo: 23122.001659/2024-88)

(Assinado digitalmente em 16/01/2024 11:29)

NADIA DOLORES FERNANDES BIAVATI

COORDENADOR DE CURSO

PROMEL (13.20)

Matrícula: ###414#8

Visualize o documento original em <https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/> informando seu número: **1**, ano: **2024**, tipo: **HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**, data de emissão: **16/01/2024** e o código de verificação: **2aa9b3734f**

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586c Silva, Adriano Elias.
CORPOS DISSIDENTES: : A TEORIA QUEER E O
DISPOSITIVO DE (BIO)PODER EM O CASULO DANDARA /
Adriano Elias Silva ; orientador João Barreto da
Fonseca. -- São João del-Rei, 2023.
85 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
Letras) -- Universidade Federal de São João del-Rei,
2023.

1. Travestilidade. 2. Dandara. 3. Gênero. 4.
Butler. 5. Foucault. I. Fonseca, João Barreto da ,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas que contribuíram de maneira significativa para o processo de escrita desta tese de mestrado. Seu apoio, incentivo, valiosas sugestões e presença constante foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Inicio agradecendo ao meu orientador, João Barreto, por sua orientação paciente, palavras de carinho e incentivo ao longo de todo o processo. Sua visão e compreensão do tema foram essenciais para enxergar as possibilidades de pesquisa em um assunto tão relevante e pouco explorado, como as relações de gênero e (bio) poder que moldam quem é considerado digno de viver e quem é passível de luto.

Um agradecimento especial ao amigo conquistado no curso, Deivide Ávila, pelas inúmeras e enriquecedoras conversas sobre gênero e identidade de gênero nas tardes de sábado. Suas reflexões e *insights* foram inestimáveis e contribuíram para aprofundar meu entendimento sobre o tema.

Agradeço também à Paula Rocha, que dedicou seu tempo em longas conversas por áudios de WhatsApp, discutindo perspectivas acadêmicas e trazendo novas abordagens para enriquecer essa pesquisa. Suas contribuições foram de grande valia.

À Professora Vanessa Maia, que participou da banca de qualificação, agradeço por suas orientações incríveis e por suas sugestões valiosas para aprimorar o texto. Sua expertise e conhecimento foram essenciais para a qualidade final do trabalho.

Não posso deixar de expressar minha gratidão aos meus pais, Adilson e Maria, por seu apoio constante, incentivo e por valorizarem sempre a importância dos estudos. Seu amor incondicional e crença em mim foram um combustível para superar os desafios e seguir em frente.

Agradeço também a Kleber Resende, por seu apoio incondicional ao longo dos meses de escrita dessa dissertação. Sua presença constante e incentivo foram essenciais para minha perseverança e dedicação.

Por fim, agradeço a todos vocês, que foram parte fundamental desta pesquisa e estão presentes em cada linha de texto. Seja por meio de discussões, contribuições acadêmicas ou apoio emocional. Cada um de vocês deixou sua marca e ajudou a tornar este trabalho possível.

Sinto-me verdadeiramente abençoado por ter o privilégio de contar com pessoas tão especiais e dedicadas ao meu redor. Minha gratidão é imensa e eterna.

Obrigado pelo apoio, pela confiança e por fazerem parte desta conquista.

Como uma frágil borboleta em meio a ventos violentos, Dandara tentou voar, buscando a expressão plena de sua identidade. No entanto, foi brutalmente arrancada do ar, deixando para trás uma tristeza profunda e um vazio irreparável.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
A TEORIA QUEER E IDENTIDADE QUEER.....	11
1. A teoria queer e a identidade queer.....	12
1.2 Controle, território e corpo: análise do corpo travesti na sociedade	15
1.3 Quem são as sujeitas do feminismo, afinal?.....	18
1.4 Feministas radicais: Radfem.....	20
PERFORMANCE E PERFORMATIVO.....	19
2. Performance e performativo: não sou eu uma mulher?.....	27
2.1 Afinal, o que significa o gênero ser performativo segundo Butler?.....	30
2.2 Violências legalizadas	38
2.3 Performance de gênero: conceitos.....	40
2.4 O corpo político de Dandara.....	43
2.5 Biografia e biografada	51
VIDA PRECÁRIA, VIDA PASSÍVEL DE LUTO.....	52
3. SONTAG: Arquivo de um assassinato	55
3.1 Quando a vida é passível de luto? (Está vivo, mas não é uma vida).....	62
3.2 Vida precarizada de Dandara.....	66
3.3 Biopoder e poder de Foucault em o Casulo Dandara	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	79

RESUMO

Com base na teoria queer e na biografia póstuma, O casulo Dandara, este estudo explora as complexidades das dinâmicas de poder e os mecanismos de controle que impactam os corpos dissidentes na sociedade, com influência das obras de Judith Butler, Michael Foucault, Guacira Lopes Louro e Berenice Bento. Examina como normas e instituições sociais exercem poder sobre esses corpos, moldando sua existência e submetendo-os à violência sistêmica e discriminação. O conceito de corpos dissidentes é explorado como uma forma de resistência e subversão às normas sociais e de gênero estabelecidas, conforme proposto por esses teóricos. Dandara, uma travesti, negra, encarna o epítome de um corpo dissidente, suportando várias formas de opressão e violência ao longo de sua vida. O aparato de poder e biopoder é analisado para revelar como estruturas sociais regulam e controlam corpos dissidentes, perpetuando hierarquias e marginalização, em consonância com as perspectivas teóricas de Butler, Foucault, Louro e Bento. O assassinato trágico de Dandara serve como um lembrete contundente da interação entre múltiplas opressões, incluindo transfobia, racismo e violência de gênero.

Palavras-chave: Dandara, travesti, teoria queer, corpo, biopoder.

ABSTRACT

Based on queer theory and the posthumous biography, *O casulo Dandara*, this study explores the complexities of power dynamics and control mechanisms that impact dissident bodies in society, with influences from the works of Judith Butler, Michael Foucault, Guacira Lopes Louro, and Berenice Bento. It examines how norms and social institutions exert power over these bodies, shaping their existence and subjecting them to systemic violence and discrimination. The concept of dissident bodies is explored as a form of resistance and subversion of established social and gender norms, as proposed by these theorists. Dandara, a trans woman of color, embodies the epitome of a dissident body, enduring various forms of oppression and violence throughout her life. The apparatus of power and biopower is analyzed to reveal how social structures regulate and control dissident bodies, perpetuating hierarchies and marginalization, in line with the theoretical perspectives of Butler, Foucault, Louro, and Bento. The tragic murder of Dandara serves as a poignant reminder of the interaction between multiple oppressions, including transphobia, racism, and gender-based violence, as discussed by the mentioned authors.

Keywords: Dandara, transgender, queer theory, body, biopower.

INTRODUÇÃO

Neste novo século, assuntos importantes relacionados à identidade de gênero entram em pauta na sociedade e estamos mais abertos a discutir e debater com entendimento sobre o outro. Apesar disso, os discursos ainda carregam preconceitos e desinformação. A presença de transexuais/travestis em culturas ao redor do mundo é antiga, mesmo que a nomenclatura seja recente e anterior ao próprio termo "gênero", cunhado no século XX. Isso leva algumas pessoas à percepção equivocada de que essas identidades são uma criação recente, seguindo uma espécie de moda ou tendência. No entanto, documentos sumérios e arcádios com mais de cinco mil anos relatam a existência de transgêneros e travestis, como os sacerdotes chamados de Galli.

Sacerdotes da Deusa frígia Cibeli incorporada ao panteão oficial romano sobre esses sacerdotes, há uma série de textos escritos no contexto romano nos quais eles são representados como castrados, emasculados em seu corpo, em suas vestimentas e em suas performatividades, sempre de forma bastante negativa. A possível prática ritual de intervenção no corpo realizada pelos Galli estava ligada ao mito de Átis, deus consorte de Cibele. Tal rito tinha, em seu substrato, elementos de fertilidade e prosperidade para deuses da vegetação e da natureza. (SILVA, 2021, p. 02.)

Em 222 d.C., o imperador romano Heliogábalo preferia ser chamado por termos femininos, inclusive como "senhora", e chegou a procurar uma espécie de cirurgia que o transformasse em mulher, o que o fez ser considerado o primeiro transexual da história. Essa informação é relatada na História Augusta, uma coleção de biografias tardias de imperadores romanos escritas provavelmente no século V. Esse fato histórico evidencia que a existência de pessoas transgênero não é algo novo e que as discussões sobre identidade de gênero existem há muito tempo.

(...) ele reservava um quarto no palácio e lá cometia as suas indecências, sempre nu à porta do quarto, como fazem as prostitutas, e abanando a cortina pendurada em anéis de ouro, enquanto numa voz doce e comovente se oferecia aos que passavam. Havia, obviamente, homens que tinham sido especialmente instruídos para desempenhar o seu papel. Para, assim como em outras questões também econômicas, ele tinha numerosos agentes que procuravam por aqueles que mais o agradavam para participar de suas vilezas. Ele poderia ter coletado o dinheiro de sua clientela e dado a si mesmo os seus ganhos; também poderia ter disputado com seus colegas essa indecente ocupação, argumentando que possuía mais amantes e mais dinheiro.¹ (COCCEIANUS, 1914, p.463)

¹ Do livro História romana de Cassius Dio, disponível em inglês. Tradução livre do mestrando. Disponível em: <https://x.gd/G87uV>. Acesso em: 10 /11/2023

Nesta dissertação, propomos um deslocamento do olhar de mundo guiado pela heteronormatividade, direcionando-o para os grupos historicamente marginalizados e subalternos. Nosso objetivo é compreender a diferença de narrativas em relação ao sujeito travesti, que emerge, de forma velada ou explícita, nas tramas dos discursos de relações de poder, contidas ou articuladas nos conceitos de cisnormatividade, heteronormatividade, corpos dissidentes, estudos queer, performatividades, entre outros. Com esse enfoque, também consideramos outros grupos privilegiados, a fim de compreender as nuances dessas narrativas.

Porém, percebeu-se que apesar da relevância do tema, havia uma lacuna na pesquisa de identidade de gênero nos bancos de dados do Promel², o que motivou a realização desta dissertação. Por meio da disciplina de teoria queer, estudos de gênero e diversidade sexual, foi possível aprofundar o conhecimento teórico sobre o assunto e buscar novas perspectivas para a análise dos discursos e práticas sociais que envolvem a identidade de gênero.

Durante os anos de existência do Promel, de 2005 a dezembro de 2023, apenas 6 dissertações trataram diretamente do tema homossexualidade, em contraste com as 230 dissertações defendidas no total. Aprofundando a investigação, verificou-se que nenhuma dessas 6 pesquisas envolvia o sujeito queer, focando exclusivamente no sujeito homo masculino. Diante disso, percebe-se a importância de trazer à tona um tema relevante para a sociedade atualmente, uma vez que o Brasil é o país que mais mata transexuais e travestis no mundo³. É necessário investigar a raiz dessa violência nos dispositivos de biopoder que regulam a transexualidade. Bento (2006) denomina esse fenômeno como dispositivo da transexualidade, enquanto Foucault o chama de dispositivo da sexualidade, mas para nós, o importante é compreender os limites do que é socialmente aceitável ou não. Dessa forma, esta pesquisa busca dar voz ao corpo dissidente queer/travesti, frequentemente marginalizado e desvalorizado na sociedade, e que pode ser condenado à exclusão social mais extrema: a morte.

Para essa pesquisa, utilizaremos como base a obra literária *O casulo Dandara*⁴, biografia póstuma da travesti Dandara Katheryn, brutalmente assassinada aos 42 anos, em Fortaleza (CE), no dia 15 de fevereiro de 2017. O crime foi filmado por um dos agressores e chocou o

² Promel; Programa de mestrado em Letras da Universidade Federal de São João de-Rei.

³ Disponível em: <https://x.gd/qz0kJ>. Acesso em: 16 nov.2023.

⁴ O Casulo Dandara é uma biografia escrita por Vitória Holanda, uma inspetora da Polícia Civil e a amiga de infância de Dandara. O livro narra a história de Dandara Katheryn, uma travesti, que foi brutalmente assassinada em Fortaleza em fevereiro de 2017. A obra busca mostrar Dandara como mais do que uma vítima de um crime, mas como uma pessoa com sonhos, encantos e sentimentos. A biografia percorre desde as memórias de infância no Conjunto Ceará, localizado na Grande Fortaleza, onde conheceu Dandara, até a execução e a repercussão do crime.

país com sua crueldade, evidenciando a realidade enfrentada pelas pessoas dissidentes de gênero no Brasil.

Partindo deste caso, que infelizmente não é um incidente isolado, buscaremos explorar questões relacionadas à travestilidade, teoria queer e os dispositivos de biopoder que regulam os corpos dissidentes na sociedade. Butler, ao se questionar como é possível desafiar as fronteiras que sustentam a divisão binária do sexo (macho e fêmea), propõe conceitos fundamentais. Baseada nas ideias de Foucault, a filósofa argumenta que a sexualidade e o poder são coextensivos, refutando implicitamente a ideia de que uma sexualidade possa ser verdadeiramente subversiva ou emancipatória e livre das normas sociais (BUTLER, 2010);

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. A genealogia política das ontologias do gênero, em sendo bem sucedida, desconstruiria a aparência substantiva do gênero, desmembrando-a em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero. (BUTLER, 2003, p. 59).

Assim, podemos constatar que a travestilidade, tida como transgressora, tal como é a heterossexualidade, são mecanismos produzidos pela lei e dentro dela. Logo, chegamos ao que Foucault constatou em sua obra História da sexualidade - a vontade de saber (2020), de que não existe uma sexualidade antes ou depois do poder. Esse pensamento é levado adiante por Butler: operar no interior da matriz do poder não é o mesmo que reproduzir acriticamente as relações de dominação (BUTLER, 2010, p.55).

É importante destacar que os temas de gênero e sexualidade vêm ganhando cada vez mais relevância nos debates acadêmicos e sociais. A construção social dos papéis de gênero e a normatização da sexualidade são processos históricos e culturais que têm impacto significativo na vida das pessoas e em suas relações sociais. A transexualidade, por exemplo, é uma identidade de gênero que se distingue da cisgeneridade⁵ e que enfrenta diversas formas de

⁵ Cisgeneridade é um conceito dentro dos estudos de gênero que descreve a congruência entre o gênero com o qual uma pessoa se identifica e o sexo biológico atribuído a ela ao nascer. Por exemplo, uma pessoa que nasceu com características físicas tipicamente femininas e se identifica como mulher é considerada cisgênero. Este termo é usado para distinguir de indivíduos transgêneros, que têm uma identidade de gênero que difere do sexo atribuído no nascimento. A cisgeneridade não implica qualquer orientação sexual específica, portanto, pessoas cisgêneras podem se identificar como heterossexuais, gays, lésbicas, bissexuais, etc. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sexualidade/cisgenero-transgenero.htm>. Acesso em: 10/08/2023

violência e discriminação, como a exclusão social, a invisibilidade e a violência física e psicológica.

Para combater essa realidade, é fundamental que as pesquisas acadêmicas abordem essas questões com rigor e profundidade, trazendo à tona as tensões políticas, as lutas e resistências que permeiam essas temáticas. Além disso, é preciso que a academia, enquanto espaço de produção de conhecimento e de formação de profissionais, esteja comprometida com a transformação social e a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Nesse sentido, é crucial a realização de pesquisas e debates que explorem as dinâmicas de poder que governam as relações sociais. Além disso, é importante buscar um entendimento mais profundo das diversas identidades e grupos que formam a sociedade. Essa responsabilidade pode ser realizada não apenas por meio de estudos acadêmicos rigorosos, mas também pela criação de eventos interativos e espaços de diálogo. Estes últimos, ricos em reflexões profundas, têm o potencial de fomentar o engajamento ativo e incentivar a participação inclusiva de todos os segmentos da sociedade

Indubitavelmente, a inclusão de uma travesti em uma dissertação de mestrado vai além de um simples ato de ativismo - é, na verdade, um poderoso símbolo de resistência. Esta estratégia não apenas ilumina as narrativas frequentemente ignoradas, mas também dá voz àqueles que são, com demasiada frequência, subjugados e empurrados para as margens da sociedade.

Além disso, é fundamental ressaltar que o tema da travestilidade e as complexas dinâmicas de poder relacionadas a ele têm ganhado crescente destaque tanto no âmbito acadêmico quanto na sociedade como um todo. Por meio desses debates, busca-se a compreensão das tensões políticas e sociais envolvidas, bem como o impulso para a implementação de medidas que efetivamente transformem a realidade desses indivíduos.

Por fim, é fundamental que a pesquisa acadêmica contribua para transformar as questões públicas e a sociedade em geral. A academia pode ser um espaço privilegiado para o diálogo, a reflexão e a construção de novos conhecimentos e perspectivas sobre essas questões.

Esta dissertação nos convida a reconhecer que somos testemunhas dessa violência e que suas raízes estão intrinsecamente ligadas às manifestações do biopoder presentes no racismo, capacitismo, desigualdades de classe e religião. Dandara, a vítima da violência que serviu de inspiração para este trabalho, era uma travesti negra, nordestina e de baixa renda, características que a tornaram particularmente vulnerável a esse tipo de violência

É importante ressaltar que a neutralidade nunca será uma opção civilizatória enquanto essas formas de violência continuarem a existir. Infelizmente, ainda vivemos em uma sociedade que utiliza uma espécie de tecnologia do poder que opera de forma eficiente, hierarquizando corpos e classificando-os como dignos à vida ou não. Essa tecnologia do poder é o que Foucault chamou de dispositivo de sexualidade, que funciona de forma astuta e eficaz para inviabilizar e sentenciar certos corpos à morte.

Por meio dessa dissertação, é possível analisar e refletir sobre as formas de poder que se manifestam em nosso mundo, e como essas formas de poder afetam corpos dissidentes e marginalizados. Por meio de uma abordagem interseccional, é possível entender como esses corpos são subjugados em várias frentes, seja pela sua orientação sexual, identidade de gênero, raça, classe social, ou outras formas de opressão. Ao nos tornarmos mais conscientes dessas questões, podemos trabalhar para criar uma sociedade mais justa e equitativa.

1. A teoria queer e a identidade queer

Tamsin Spargo em seu livro, *Foucault e a teoria queer* (2017) faz a abertura de seu primeiro capítulo com uma observação muito construtiva para o atual momento político e identitário do século XXI. A historiadora cultural afirma que há muita coisa acontecendo nas universidades nos últimos tempos. Barbie, Shakespeare e até Jane Austen ganharam versões queer (SPARGO, 2017, p.09) levando Spargo a indagar os motivos que, agora, a palavra que antes era sussurrada e entendida como um insulto, é orgulhosamente reivindicada como uma marca de transgressão.

Podemos ir além, e afirmar que corpos que não se conformam com o padrão heteronormativo estão cada vez mais presentes na mídia. Ao ligarmos a televisão na principal emissora aberta do país, nos deparamos com a presença de Linn da Quebrada⁶ em um programa de grande audiência popular, como o *Big Brother*. Além disso, em plataformas de streaming por assinatura, vemos uma travesti, como Liniker, assumindo papéis principais, como em

⁶ Lina Pereira dos Santos, mais conhecida como Linn da Quebrada, é uma cantora, compositora, atriz e ativista social trans brasileira. Nascida na periferia de São Paulo, Linn iniciou sua carreira como performer e lançou sua primeira música autoral, “Enviadescer”, em 2016. Ela é conhecida por seus álbuns de estúdio “Pajubá” e “Trava Línguas”, bem como por seu trabalho no filme “Bixa Travesty” e na série “Segunda Chamada”. Linn frequentemente se refere a si mesma como “bicha, trans, preta e periférica. Nem ator, nem atriz, atroz. Performer e terrorista de gênero”. Disponível em: <https://x.gd/bfsoy>. Acesso em: 10/11/2020.

Manhãs de setembro⁷ da Amazon Prime. Esses exemplos destacam a crescente visibilidade e representatividade desses corpos fora do padrão, quebrando estereótipos e ampliando a diversidade na mídia.

Cavichioli (2021) faz ponderações muito pertinentes sobre as letras que compõem todo o arco-íris e endossa o que Spargo acredita ser um caminho para a cidadania sexual e de gênero ao afirmar que os estudos queer tem, de alguma forma, atribuído ênfase sobre o discurso e sua desconstrução, promovendo a desconfiança das grandes narrativas, das universalizações (CAVICHIOLI, 2021, p. 26) pois, segundo ele, os estudos queer lançam bases críticas de categorias como minorias, gênero e identidade.

A teoria queer emergiu nos anos 80 a partir das interseções entre teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas, formando um campo rico para investigações relacionadas à categoria do sujeito. No entanto, durante o processo de difusão do termo para a língua portuguesa, enfrentou-se certa dificuldade em relação à sua tradução adequada.

De acordo com Louro, queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário (LOURO, 2004, p.38). Judith Butler tem se preocupado em sua obra com a análise e a conseguinte desestabilização da categoria do sujeito, tão logo é apontada como a teórica queer por excelência.

Segundo Butler, o termo queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos⁸ (BUTLER, 2002, p. 58).

A teoria queer vai se estabelecer definitivamente no início dos anos 90 quando as identidades sexuais e de gênero ganham maior visibilidade com referência as constantes transformações sociais da contemporaneidade em conceitos que baseiam-se além do binarismo homem e mulher, macho e fêmea.

De imediato, o termo queer pode ser considerado um guarda-chuva, ou seja, uma conceituação ou expressão que engloba, abrange ou descreve grupos de indivíduos que não se identificam com a (cis)heteronormatividade. Quando discutimos a comunidade ou identidade queer, estamos nos referindo a gays, lésbicas, travestis/transsexuais, bissexuais, homens e mulheres trans, pessoas não binárias, pansexuais e outras identidades sexuais e de gênero que

⁷ “Manhãs de Setembro” é uma série brasileira original da Amazon Prime Vídeo. A produção é estrelada pela cantora e compositora Liniker. A série conta a história de uma mulher trans que conquista sua independência, mas tem sua vida transformada com a chegada inesperada de um filho que ela gerou com outra mulher dez anos antes.

⁸ Butler faz referência exatamente à ressignificação destes termos antes pejorativos.

se enquadram⁹ sob essa metáfora de uma estrutura portátil, flexível e com hastes metálicas que protege seu portador da chuva ou do sol.

A estrutura alfabética utilizada nas siglas de gênero e identidade sexual, LGBTQIAPN+¹⁰ tem desempenhado um papel importante na luta pela conquista dos direitos sexuais e de gênero. De acordo com Cavichioli (2021), os estudos queer estabelecem uma base crítica para discutir questões como minorias, gênero e identidade, mas com ênfase na desconstrução desses discursos;

Os teóricos *queer* enxergam a heterossexualidade e a homossexualidade, a congeneridade e a transgeneridade, não simplesmente como identidades ou *status* sociais, mas como categorias de conhecimento, uma linguagem que conhecemos por corpos, desejos, sexualidades, identidades. (CAVICHIOI, 2021 p. 26)

Assim, de acordo com Cavichioli (2021) citando Gamson (2006), todo este processo seria como uma linguagem normativa, ao passo que influência limites morais e hierarquias políticas. Para Cavichioli (2021), o enfoque da corrente queer dentro das universidades, que sugere um estudo da homossexualidade e da transgeneridade, não deveria ser um estudo apenas de minoria (a composição dos sujeitos que não se enquadram, seguindo a percepção do significado de queer). Algo que, segundo ele, não contribui para políticas em uma agenda unificada, partindo da premissa que seria; estudos daqueles conhecimentos e práticas sociais que organizam a sociedade como um todo, sexualizando corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais (GAMSON, 2006).

Dessa forma, Cavichioli (2021), confronta que a categoria *minoria* só é possível ser verificada pela própria comunidade LGBTQIAPN+, pois somente ela, citando Pedra (2018), não pode evitar o convívio com a hostilidade, pois nascem em qualquer lugar, casa ou família.

A fim de avançarmos na progressão desta dissertação, é essencial estabelecermos esses parâmetros. Dessa forma, à medida que adentramos nas premissas do biopoder, exploraremos as questões relacionadas à vida e a morte, assim como a existência, evidenciando o silenciamento de diversas vozes que estão ocultas por trás de signos que, de certa forma, podem ser considerados hegemônicos. Esses signos, muitas vezes, carregam uma ideia equivocada de representar toda uma comunidade, mas acabam por causar uma segregação ainda maior, mesmo

⁹ A Comissão de Direitos Humanos de Nova York (EUA) decidiu oficializar a multiplicidade das identidades de gênero, e passou a reconhecer 31 diferentes tipos de gêneros. Disponível em: <https://x.gd/yxNlx>. Acesso em: 10/11/2023.

que não intencionalmente. Isso ocorre porque eles invisibilizam indivíduos e negam suas existências dentro de uma suposta identidade coletiva mais utópica, que pretensamente está a serviço da própria comunidade.

Neste contexto, abordaremos a identidade queer, que não está diretamente relacionada à teoria queer, uma corrente acadêmica que investiga questões discursivas intrinsecamente ligadas ao gênero e à sexualidade. No entanto, a identidade queer que discutiremos aqui, especificamente em relação à travesti Dandara, está diretamente ligada às experiências construídas por indivíduos que não se reconhecem nem se enquadram nos padrões da (hetero)cisnormatividade. É importante ressaltar que essa identidade queer difere do termo guarda-chuva mencionado anteriormente, o qual se refere à ampla abrangência da teoria queer.

1.2 Controle, território e corpo: análise do corpo travesti na sociedade

Guacira Lopes Louro, em 2004, usou o termo *viajantes pós-modernos* para elaborar sua argumentação sobre como a viagem transforma o corpo e o modo de ser e estar.

Como é visto um corpo queer pela sociedade? É este o questionamento que dispensaremos a este tópico. Segundo Louro;

A declaração “é uma menina!” ou “é um menino!” também começa uma espécie de viagem, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo (LOURO, 2004, p.15)

De acordo com Louro, compreendemos que as identidades são transitórias, uma vez que a sexualidade não é algo estático. Tanto a sexualidade quanto a identidade de gênero são construções que vão além do genótipo e do fenótipo, sendo influenciadas pelo tempo e pelo nosso entendimento do mundo. A pensadora brasileira utiliza a metáfora da viagem para ilustrar como as mudanças podem afetar os corpos e as identidades, mesmo em dimensões aparentemente definidas e estabelecidas desde o nascimento, ou até mesmo antes dele (LOURO, 2004).

Butler (2003), destaca que essa afirmação desencadeia um processo compulsório de "fazer" um corpo feminino e masculino. Louro (2004), por sua vez, argumenta que a nomeação de um corpo ocorre antes da lógica que pressupõe o sexo como algo anterior à cultura e que lhe confere um caráter imutável, a-histórico e binário.

A afirmação “é um menino” ou é “uma menina” inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete para se qualificar como um sujeito legítimo, “um corpo que importa”, no dizer de Butler, o sujeito se verá obrigado a obedecer às normas que regulam sua cultura (BUTLER, 1999)

Daniel Borrillo (2000) também abordou as fronteiras que separam os viajantes mencionados por Louro:

Desde o berço, as cores azul e rosa, marcam os territórios dessa *summa divisio* que, de maneira implacável, fixa o indivíduo seja a masculinidade, seja a feminilidade (...) quando se trata alguém como homossexual, denuncia-se sua condição de traidor(a), e desertor(a) do gênero ao qual ele ou ela pertence “naturalmente” (BORRILLO, 2000, p.26)

As siglas LGBTQIAPN+ são divididas em LGB; sexualidades e afetividades e as demais, TQIAPN+ que se referem às identidades de gênero. No caso de Dandara, objeto desta dissertação, a citaremos sempre como *A travesti*, tanto pelo caráter de ruptura do peso e estigma que carrega a palavra ao longo dos tempos, como também por respeito a identidade de gênero da mesma que se reconhecia como uma travesti.

Todo processo de reconhecimento de Dandara como uma travesti se deu ainda na infância, como relatado por Holanda (2019) no livro pós-biográfico *O casulo Dandara*.

As fronteiras da sexualidade citadas por Borrillo (2000) e Louro (2004) estão também presentes nos brinquedos de infância que Dandara e a irmã, Silmara, recebiam do pai, Alceu;

Seu Alceu comprava brinquedos para as duas, carrinho e bola para Dandara, boneca para Silmara. Quando seu Alceu virava as costas, as duas trocavam os brinquedos. Dandara queria as bonecas e a irmã, preferia os carros e a bola. Se Dandara era diferente, Silmara conseguia ser “muito diferente”. (HOLANDA, 2019, p. 25)

De acordo com a biografia póstuma escrita por Holanda, Dandara e sua irmã não demonstravam constrangimento em relação à sua identidade de gênero durante a infância. O processo de compreensão que Dandara buscava compartilhar com sua irmã estava mais relacionado aos indivíduos que participavam ativamente dessa construção, ou seja, aqueles que não se sentiam livres dos constrangimentos impostos por uma matriz sexual que define padrões a serem seguidos, mas ao mesmo tempo oferece elementos para a transgressão desses padrões

(LOURO, 2004, p. 17). Isso fica evidente quando Holanda destaca tanto Dandara quanto Silmara:

Sempre percebemos que ela (Silmara) era um menino com nome de menina. Se vestia como menino, andava como menino, falava como menino. Toda parceira de Dandara nessa fase que ambas estavam tentando entender o que eram de verdade. (...) elas brincavam de casamento, Silmara se casava com meninas e Dandara¹¹ com meninos, de batom e véu na cabeça. (HOLANDA, 2019, p. 25)

Segundo Holanda, o processo de descoberta da identidade de Dandara ocorreu de maneira gradual e não causou surpresa na família. A biografia póstuma de Dandara, escrita por Holanda, é um arquivo de memórias extremamente rico, pois foi construída com base na convivência e experiência de Holanda desde a infância:

Retornando para o mundo da brincadeira, avistei um garotinho, de cabelos loiros e cacheados, olhos verdes e sorriso aberto, ele se aproximou e pediu para brincar também. Então, conheci naquele dia Dandara e assim nascia uma amizade que duraria o resto de nossas vidas. (HOLANDA, 2019, p.12)

Ao retratar a vida de Dandara em sua biografia, Holanda consegue fornecer um panorama único que talvez nenhum outro biógrafo seria capaz de oferecer. Além de ser amiga de Dandara, Holanda também ocupou o papel de delegada responsável pelo caso do seu assassinato. Essa combinação de proximidade pessoal e envolvimento profissional permite que Holanda ofereça uma perspectiva íntima e detalhada sobre a vida e os eventos que cercaram Dandara. Como mencionado por Carino;

(...) não se biografava em vão, descrever a trajetória única de um ser único, original e irrepetível; é troçar-lhe a identidade refletida em atos e palavras; é cunhar-lhe a vida pelo testemunho de outrem; é interpretá-lo, reconstruí-lo, quase sempre revivê-lo. (CARINO, 1999, p.154)

¹¹ Um ponto interessante é que em nenhum momento Cavichioli e Holanda fazem referência ao nome de registro de Dandara. O nome escolhido pela pessoa é a forma como ela deseja ser conhecida e reconhecida socialmente. Isso ajuda a criar um ambiente mais inclusivo e seguro para as travestis.

Em O Casulo Dandara, temos acesso a fragmentos da infância, adolescência e juventude de Dandara, que são descritas detalhadamente até o dia de seu trágico assassinato¹². A obra oferece um retrato abrangente e emocionante da vida de Dandara, desde suas experiências mais jovens até os eventos que culminaram em sua morte.

1.3 Quem são as sujeitas do feminismo, afinal?

O que são as travestis, mulheres ou homens fantasiados? Agressiva esta frase! De fato, nós sabemos. Mas ela não está longe do que se questiona sobre a categoria travestis e transexuais.

Letícia Nascimento (2021), travesti negra e gorda, como se define, doutora em educação pela UFPI, faz uma análise e questiona as estruturas feministas. Segundo a pesquisadora, existe uma tentativa, quase inata, na teoria do movimento feminista, de definir que na origem do conceito de gênero, é possível perceber que,

(...) embora traga a marca de cada cultura, restringiu-se, por um tempo, à experiência da mulher¹³ cis, heterossexual, branca, de classe média, magra, sem deficiências — que ocupa uma posição de privilégio social, sendo o ideal performativo a ser alcançado por todas as mulheres. (NASCIMENTO, 2021, p. 26)

Na década de 90, Judith Butler publicou a obra Problemas de gênero, na qual apresenta críticas contundentes em relação a certos dogmas e pressupostos do movimento feminista.

Butler aborda justamente uma das questões discutidas neste subcapítulo, que é a questão de o sujeito do feminismo ser originalmente definido como a categoria das mulheres, entendidas biologicamente como aquelas que nasceram com uma vagina, de acordo com a visão tradicional

¹² O crime ocorreu na rua, à luz do dia, sem que ninguém se compadecesse pelo sofrimento de Dandara ou sem demonstração de remorso dos envolvidos. Doze pessoas teriam tido participação no crime, sendo sete adultos e cinco adolescentes. Em 2017, dois vídeos de Dandara sendo torturada foram divulgados nas redes sociais. Em uma das gravações, ela aparece limpando seu rosto ensanguentado com uma camisa amarela. Enquanto está sentada, e pede que parem com a covarde agressão, no entanto, outras pessoas incitam ainda mais o espancamento. Já o segundo vídeo é ainda mais forte. Nesta gravação, Dandara é torturada por três homens. Visivelmente machucada, ela é forçada a subir num carrinho de mão, mas não consegue. Entre insultos e humilhações, é agredida com chutes, tapas na cabeça e até mesmo um pedaço de madeira. Em seguida, ela é colocada dentro do carrinho de mão, por cinco homens. No fim da gravação, a vítima recebe dois tiros e uma forte pedrada na cabeça, ocasionando traumatismo craniano, que resultou em sua morte. Disponível em: <https://x.gd/LkG0q>. Acesso em: 10/11/ 2023.

¹³ Nascimento utiliza aqui a forma de modo sintético e metafórico, a mulher com características consideradas de “mulher original do feminismo” e enxergada como sujeita central nas análises feministas, numa perspectiva universalizante (NASCIMENTO, 2021, p. 27),

do movimento. A teórica argumenta que essa definição surge como resultado das relações de poder, destacando a forte ligação entre o discurso hegemônico e a imposição da heterossexualidade compulsória. Nesse sentido, Butler aponta para a necessidade de repensar e problematizar as noções fixas de identidade de gênero e sexualidade.

(...) as supostas universalidades e unidade do sujeito do feminismo, são de fato minadas pelas restrições do discurso representacional em que funcionam. Com efeito, a insistência (grifo meu) prematura num sujeito estável do feminismo, compreendido como uma categoria una das mulheres, gera, inevitavelmente, múltiplas recusas a aceitar essa categoria. (BUTLER, 1990, p.21)

Butler (1990) ressalta que não há dúvidas de que o feminismo esteja sujeito a fragmentações internas e que as próprias oposições paradoxais dentro do movimento indicam os limites necessários da política de identidade. A teórica propõe um novo caminho para a construção de identidades, que não se limita apenas às mulheres cisgêneras (com base no sexo biológico das pessoas que possuem vagina), mas também inclui mulheres trans, travestis e intersexuais. Essa abordagem visa ampliar a compreensão e a inclusão de diferentes experiências de gênero, desafiando as noções rígidas e binárias de identidade de gênero.

Nascimento (2021) contribui para a discussão ao enfatizar que a compreensão desses desdobramentos da categoria de gênero, dentro de uma perspectiva pluralista de mulheridades e feminilidades, deveria ser mais do que suficiente para que mulheres transexuais e travestis fossem plenamente incluídas dentro do movimento feminista. Essa visão ampla e inclusiva reconhece a diversidade de experiências de gênero e busca garantir a representação e a participação de todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero.

Segundo Nascimento (2021), o impedimento da inclusão de travestis e transexuais dentro de uma representação feminista vai de encontro ao que Butler também “problematiza”, pois os discursos bioessencialistas condicionam o gênero aos aspectos anatômicos de diferenciação sexual.

A obra de Butler vai adotar uma perspectiva crítica das identidades de gênero, pois, de acordo com a teórica estadunidense, ao atribuímos uma identidade as pessoas, esta acaba por ter efeito de oprimir e limitar as singularidades humanas, que são amplas e infinitas. Tão logo aqui, chegamos ao objeto literário dessa dissertação. Se temos uma identidade de gênero como uma construção social, assim como Butler afirma, logo não teríamos papéis de gênero fundamental ou biológico que fossem intrínsecos à natureza humana. Onde queremos chegar com essa afirmação é bem simples: se *o sexo é biológico* (macho, fêmea / masculino, feminino)

a *identidade de gênero* possui formas variáveis de desempenhar um, dois ou ilimitados papéis.

De acordo com a antropóloga Gayle Rubin (1997), a sexualidade possui uma política própria e interna com desigualdades próprias e modos de opressão próprios, assim como “outros aspectos do comportamento humano, as formas institucionais concretas de sexualidade, em qualquer época ou lugar” como produtos da ação humana, ou seja, não existe um caráter biológico inato, assim como Foucault (2014) também partilhava de que a sexualidade não é um aspecto ou fato natural da vida humana, mas uma categoria da experiência que foi construída e que tem origens históricas, sociais e culturais, mas não biológicas.

Concordamos com a análise de Nascimento de que quando o feminismo limita sua abordagem apenas às mulheres no sentido biológico, excluindo as diversas formas de vivenciar as identidades de gênero, isso reflete uma estrutura de poder que segrega e restringe a vivência de indivíduos que não são biologicamente mulheres, mas que têm experiências e vivências diversas em seus corpos. Essa exclusão nega o reconhecimento e a valorização dessas vivências e perpetua uma visão limitada e excludente do que significa ser mulher. Para um feminismo verdadeiramente inclusivo e transformador, é fundamental reconhecer e acolher a diversidade de identidades de gênero e as experiências de todas as pessoas, independentemente de sua conformidade com padrões biológicos pré-determinados.

1.4 Feministas radicais: Radfem

Butler defende um modelo de desmonte de uma identidade limitada de gênero, que tem como consequência a opressão de singularidades humanas que não se encaixam na heterocisnormatividade.¹⁴ Neste subcapítulo iremos continuar debatendo o papel da travesti dentro do feminismo, demonstrando que a segregação tem ramificações de uma mesma e única face, ou seja, o biopoder e suas biopolíticas (FOUCAULT, 1985) que intentam disciplinar os corpos e regular prazeres da população por meio de normas que são asseguradas pelo sistema sexo-gênero-práticas sexuais (BUTLER, 2001).

Butler explora suas percepções, assim como o feminismo também aborda a inclusão de mulheres trans em seu movimento. Os recortes de gênero funcionam, de certa forma, como

¹⁴ Padrões pré-estabelecidos de gênero em consonância com o sexo biológico

nossa maneira de identificar objetos: pela aparência. A aparência que sustentou as identidades de gênero em nossa sociedade foi a aparência biológica do corpo. Portanto, de acordo com essa lógica, os atributos de feminino foram designados para os indivíduos nascidos com vaginas, enquanto os atributos de masculino foram designados para os indivíduos nascidos com pênis (SILVA, 2018).

A representação comum ao abordar o feminismo é a de um coletivo de mulheres unidas em oposição ao patriarcado e em defesa umas das outras. No entanto, a realidade é bastante distinta.

O movimento feminista contemporâneo é caracterizado por divisões e subdivisões devido às diferentes interpretações das demandas, necessidades e visões de cada indivíduo em relação ao papel da mulher na sociedade. Diversos grupos, como o feminismo liberal, feminismo negro e feminismo radical (Radfem), compartilham o mesmo objetivo, porém adotam abordagens distintas. Essa diversidade acaba gerando tensões dentro do movimento feminista, levando à exclusão e marginalização de determinados grupos, tornando-o exclusivo para aqueles que se enquadram nas expectativas de cada vertente específica.

O Radfem surge a partir dos anos 70 e se popularizou com o advento da internet, se tornando um movimento criado dentro da internet e por meio dela fortalecido, devida a facilidade de agrupamentos de pessoas com mesmas ideologias e que se beneficiam pela liberdade quase ilimitada de fronteiras geográficas.

Enquanto autoras como Shulamith Firestone; *A dialética do sexo* (2003), Kate Millet; *Política sexual* (2017) e Simone de Beauvoir; *O segundo sexo* (2008), suscitam debates prolíferos por meio de suas obras, como a origem do patriarcado e do machismo arraigado na sociedade para uma mudança comportamental sociopolítica em contraponto às falácias do determinismo biológico, as Radfem fazem justamente o contrário.

Para as Radfem, as mulheres transexuais e as travestis não possuem uma identidade verdadeira, pois não possuem uma vagina, logo não são parte do gênero feminino, pois em sua nascença são homens que se fantasiam de mulheres. Em grupos mais específicos se sugere que a mulher trans é uma invenção da sociedade patriarcal como uma espécie de reação à luta feminista que pretende desestabilizar suas pautas com sua participação. Homens trans, por sua vez, podem ser associados às mulheres que não aceitaram seu papel como oprimidas e transformaram-se nas opressoras (NASCIMENTO, 2021).

Nascimento (2021) propõe que o transfeminismo¹⁵ possa ser uma parte que agregue o feminismo, pois as experiências transexuais diversas exigem diferentes teorizações e demandas políticas dentro do movimento (NASCIMENTO, 2021):

Manter este caleidoscópio feminista significa entender que, apesar de diferentes, conectamo-nos com estruturas de opressão semelhantes, tais como o patriarcado, o machismo e o sexismo, que no decorrer da história, vem subjugando socialmente as experiências femininas. (...) transfeminismo como parte do feminismo, como uma possibilidade de repensar as relações entre sexo-gênero-desejo e pluralizar as sujeitas do feminismo, de modo a superar universalidades e essencialismos limitantes à liberdade de performance de gênero. (NASCIMENTO, 2021, p.22)

Logo, os discursos efusivos das Radfem perdem força diante das discussões propostos por Nascimento (2021), mesmo com o espaço que conquistam nas redes sociais e na internet de modo geral, ganhando adeptas famosas, como ocorreu em 2020, com as falas de J.K Rowling, a criadora da saga literária best-seller mundial Harry Potter.

Na época, J. K Rowling manifestou descontentamento com o site global Devex que trazia um artigo com o título “criando um mundo mais igualitário pós-covid para pessoas que menstruam”, no Twitter, a rede social de maior alcance mundial. A escritora que possui por lá cerca de 14 milhões de seguidores fez o seguinte tweet¹⁶: “pessoas que menstruam. Tenho certeza que costumava haver uma palavra para essas pessoas. Alguém me ajude? Wumben? Wimpund? Woomud? (modificações propositais da palavra “Woman”, inglês para mulher)”. O tweet se mostra problemático e atinge um grau de transfobia¹⁷ quando analisamos o histórico recorrente da escritora, que desconsidera mulheres trans e pessoas não-binárias, e que já havia manifestado em outro momento que seria plausível um tratamento de conversão sexual para

¹⁵ Transfeminismo é uma vertente do feminismo que se concentra nas questões transgênero. Ele critica a biologização do gênero e defende a inclusão de todas as identidades de gênero, incluindo mulheres e homens transgênero, bem como identidades não-binárias e intersexo. O transfeminismo busca transformar o feminismo, desafiando a ideia de gênero como um fato biológico e enfatizando a necessidade de reconhecer e ouvir todas as mulheres. Disponível em: <https://www.academia.edu/38181511/Transfeminism>. Acesso em: 22/10/2022.

¹⁶ Postagem, mensagem.

¹⁷ Transfobia: discriminação contra as pessoas transexuais e transgêneros. Seja intencional ou não, a transfobia pode causar severas consequências para quem sofre esta discriminação.

transgêneros e pessoas que buscam a transição. Logo, para Rowling a “cura gay¹⁸” seria uma resposta de reversão para indivíduos queers.

Quando temos alguém como Rowling, uma figura pública, conhecida mundialmente e de grande visibilidade entre a cultura pop, alinhando um discurso heterossexista e com raízes profundas no patriarcado, temos um reforço de discriminação de gênero que se torna um terreno perigoso para equiparidade de direitos. Influenciando novas gerações a pensar que pessoas que não se enquadram ao modelo sexual binário devam ficar à margem social, ou como Dandara, serem mortas pelo simples fato de ousarem ser quem são.

A postura de Rowling deixa muito claro como são vistas mulheres trans dentro de um movimento feminista, a qual ela faz parte, que somente aceitam “verdadeiras mulheres” como parte integrante dentro do “grupo mulheres”. De acordo com Rowling, “se o sexo não é real, a realidade vivida das mulheres em todo o mundo é apagada. Conheço e amo pessoas trans, mas apagar o conceito de sexo remove a capacidade de muitos discutirem significativamente suas vidas” (GZH, 2020).

Quando discutimos que mulheres são somente seres que possuem vagina e menstruam, também entramos num universo bem mais problemático e que de forma alguma se sustenta, de acordo com Nascimento (2021) dentro do feminismo, a categoria gênero sofre uma verdadeira disputa pois, “para se constituir sujeita do feminismo, é necessário vivenciar experiências de mulheridades e feminilidades” (NASCIMENTO, 2021, p.24), em outras palavras: pertencer ao gênero feminino.

Quando dizemos que o sujeito do feminismo são somente mulheres que possuem vaginas, pois não existem mulheres de pênis, vamos diretamente de encontro com o que Foucault expôs em sua obra *A história da sexualidade: a vontade de saber* (2014) em que a ideia de sexo é repetidamente produzida com o objetivo de regular e exercer o controle sobre a sexualidade. Se Rowling, ou qualquer outro indivíduo de grande visibilidade, aborda temas sobre a transexualidade com um caráter inferior de identidade de gênero, se está, de forma indireta, criando discursos que alinham e criam formas de discriminação: a transfobia¹⁹.

¹⁸ A “cura gay” é uma prática que visa mudar a orientação sexual de uma pessoa de homossexual ou bissexual para heterossexual, geralmente oferecida por profissionais de saúde mental associados a uma religião. No entanto, a homossexualidade não é considerada uma doença pela Associação Americana de Psiquiatria desde 1973 e pela Organização Mundial da Saúde desde 1990.

¹⁹ A transfobia pode ser repulsa emocional, medo, violência, raiva ou desconforto sentidos ou expressos em relação a pessoas transgênero.

De acordo com Foucault (2014), a sexualidade é um sistema complexo em que as estruturas do poder se elaboram com um objetivo específico de estabelecer o sexo para que dessa forma as relações de poder possam ter um terreno fértil de perpetuação.

Borrillo (2017) refere-se a homofobia, que aqui podemos atualizar para o contexto de transfobia, como a violência e a discriminação em relação aos transgêneros ocorrem, frequentemente, diante da maior indiferença da população, segundo o sociólogo:

Com certa regularidade, ficamos sabendo que numerosos gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais vivem com temor de serem agredidos simplesmente por causa de sua orientação sexual. Em um relatório terrificante, a Amnesty International (1998) denuncia os assassinatos, as execuções legais, as torturas, os estupros, as terapias forçadas, os despedimentos abusivos e os insultos de que os homossexuais continuam sendo vítimas. (BORRILLO. 2017. p. 107)

Louro (2004) corrobora com as palavras de Borrillo e enfatiza sobre a invisibilidade social a que os sujeitos queers estão fadados. Segundo ela;

desprezar o sujeito homossexualera (e ainda é), em nossa sociedade, algo comum, compreensível, corriqueiro. (...) Parece-me absolutamente relevante refletir sobre as formas de viver a sexualidade, sobre as muitas formas de ser e de experimentar prazeres e desejo; parece relevante também refletir sobre possíveis formas de intervir, a fim de perturbar ou alterar, de algum modo, um estado de coisas que considero intolerável. (LOURO, p. 57, 2004)

Dandara não enfrentava resistência da família ao que se referia à sua sexualidade, isso fica bem claro quando Holanda (2019) relata na biografia póstuma a infância da travesti. Este contraponto é muito interessante no percurso de vida de Dandara da infância até seu assassinato, quando comparamos todas as agressões sociais que os sujeitos queers enfrentam cotidianamente, seja no seio familiar, onde deveria ser o primeiro a acolher, e na esfera social, onde o direito constitucional tem por obrigação respeitar o princípio da dignidade humana. Holanda (2019) escreveu:

Foi um processo natural. Nunca ninguém perguntou ou questionou que ela havia se tornado gay. Nós sabíamos, minha família, as meninas filhas da dona Esmeralda, nossos amigos de calçada, a família dela e até os meninos do futebol. Todos sabiam. Ela era querida, ninguém se importava, era amada do jeito que era e aquilo não tinha nenhuma importância. (HOLANDA, p. 37, 2019)

Nós temos aqui o principal ponto para reflexão. As transexuais não são consideradas partes dos feminismos, como vimos, por aspectos que levam apenas em conta o gênero biológico. Mas podemos ir muito além das Radfem, por exemplo, que é um dos grupos mais

bem estruturados e que ganham adeptos diariamente e que nem sempre se identificam com as pautas feministas, mas fazem parte pelo ódio que propagam. Mais à frente, em um capítulo destinado somente a política do performativo, discutiremos o discurso de ódio no assassinato de Dandara e como a “linguagem sustenta o corpo, não por trazê-lo à existência ou por alimentá-lo de maneira literal”, segundo Butler (2021), mas para que por meio da linguagem essa existência social do corpo se torne possível.

Dandara, assim como a totalidade das travestis, são preteridas dentro do movimento feminista e mesmo dentro do próprio meio que abrange os gays²⁰, lésbicas e bissexuais são atingidos pela homofobia estrutural arraigada pelas raízes profundas advindas do patriarcado. Segundo Nascimento (2021),

decentralizar o gênero é tão importante para nós porque é na medida em que essa desnaturalização acontece que podemos perceber que outras sujeitas dentro das relações de poder fortemente marcadas pelo machismo, sexismo e patriarcado na sociedade vigente podem fazer parte do feminismo, como sujeitas dignas de luta, experiências e produção conceitual.
(NASCIMENTO, p.43, 2021)

Butler, durante a década de 90, fará várias ponderações afim de uma reflexão sobre de que forma seria possível o movimento feminista basear a sua teoria ou sua ação política em uma posição do sujeito que seja universal (OLIVEIRA; NORONHA, 2016), pois a categoria “mulher”, reivindicada como pertencente ao feminismo, é produzida pela mesma estrutura da qual suas lutas tentam se libertar. É justamente neste campo que a teoria queer se distingue. Exatamente por considerar os estudos de culturas sexuais não hegemônicas, que foram normalizadas, mas que não apontam para uma mudança na estrutura social. Eis aqui nosso interesse pelo estudo que faça uma análise das características de subversão e rompimento com normas socialmente arraigadas de comportamento sexual e/ou amoroso (ÁVILA; GROSSI, 2010, p.07) como no caso do assassinato de Dandara.

O fenômeno do preconceito é complexo e intrassubjetivo, algo que Paco Vidarte (2007) nos alerta a compreender de forma mais abrangente. Vidarte argumenta que as várias formas

²⁰ A divisão dentro do movimento LGBTQIAPN+ é um tópico complexo e multifacetado. Embora o movimento busque representar uma ampla gama de identidades e orientações sexuais, existem tensões e divisões internas. As travestis, por exemplo, podem enfrentar desafios únicos que nem sempre são abordados dentro do movimento mais amplo.

de opressão devem ser percebidas como componentes sistêmicos desse preconceito, especialmente no que diz respeito ao ativismo LGBTQIAPN+.

Ao longo dos anos, temos testemunhado uma evolução nas pautas do ativismo LGBTQIAPN+, mas, em meio a essa evolução, é fundamental não perder de vista os motivos pelos quais essa luta começou. O autor faz uma crítica contundente ao direcionamento que algumas dessas pautas tomaram, destacando que é essencial manter uma perspectiva mais ampla, que vá além do próprio acrônimo LGBTQIAPN+.

Uma das críticas mais pertinentes de Vidarte é a hipocrisia que pode surgir quando se luta por direitos civis da comunidade LGBTQIAPN+ enquanto se negligencia outras formas de opressão, como o racismo ou a erradicação da pobreza. Afinal, como podemos buscar visibilidade para a luta por direitos quando o próprio movimento LGBTQIAPN+ é fragmentado?

Vidarte ressalta a existência da invisibilidade dentro do próprio movimento LGBTQIAPN+, uma questão que merece uma reflexão profunda. Se o movimento não consegue unir todos os seus membros em uma luta coesa, como pode esperar conquistar a visibilidade e os direitos que almeja?

E essa fragmentação não se limita ao movimento LGBTQIAPN+. Também existe no movimento feminista, como mencionado anteriormente, que muitas vezes se baseia na ideia de que as sujeitas do movimento são aquelas que possuem uma vagina e são capazes de se reproduzir. No entanto, essa premissa se mostra insustentável, considerando a diversidade intrínseca à experiência humana.

Existem intersexuais, pessoas que nascem com aparatos sexuais tanto femininos quanto masculinos, e há mulheres que não possuem a capacidade reprodutiva ou que não menstruam. Portanto, a ideia de que o feminismo se baseia estritamente na anatomia é claramente problemática.

Segundo Paco Vidarte, esses argumentos demonstram a importância de uma abordagem mais inclusiva e interseccional no ativismo. Para alcançar uma verdadeira igualdade e justiça social, é fundamental reconhecer a interconexão das lutas contra todas as formas de preconceito e opressão, e não apenas aquelas que afetam um grupo específico.

Es posible que la respuesta a esta contradicción se encuentre en cómo la homofobia se ha ido adaptando a las sociedades modernas, suavizando los signos de discriminación hacia gays y lesbianas y tolerando ciertos derechos sociales no

reconocidos anteriormente, pero sin aceptar la igualdad y normalización de la vida de las personas LGTB (VIDARTE, 2019, p. 03)²¹

De acordo com Bento (2017), a experiência travesti mostra que há muitas expressões de gênero, uma multiplicidade de femininos e masculinos, podemos afirmar que, de certa forma, essas sujeitas transitam nos limites dos preceitos²² de gênero e “produzem inquietude diante de sua plasticidade e volatilidade, impressa em seu corpo” (PAMPLONA; DÊNIS, 2017) causando estranhamentos e questionamentos quanto ao gênero biológico; é “homem ou mulher”? Bento (2014) propõe que essas questões precisam ser reelaboradas em expostas como “O que é um homem e uma mulher? Para que serve este lugar de gênero? Só é mulher quem tem um útero?” (BENTO, 2014, p. 49).

De acordo com Bento (2014), apoiada em Butler e Foucault, os corpos desfigurados importam na medida em que contribuem para coesão e reprodução da lei de gênero que define que somos o que nossas genitálias determinam (BENTO, 2014, p. 02).

Estas formas de discursos de hostilidade e transfobia excedem o grupo ao qual se constroem e constituem-se em estruturadas formas de biopoder, elemento indispensável para aplicar práticas corretivas e regular quem transgride as fronteiras de gênero, como foi no caso de Dandara. O poder, segundo Foucault (2017), encarrega-se da vida, mais que a ameaça de morte, que lhe dá acesso ao corpo.

O biopoder, portanto, consiste num conjunto de práticas estatais instrumentalizadas por meio de técnicas de poder que buscam exercer o controle sobre os indivíduos e sobre as populações, bem como assegurar a propriedade sobre a vida e o direito, fazendo isso a partir do dado biológico humano.

2. Performance e Performativo: não sou eu uma mulher?

Judith Butler é a teórica mais popular na contemporaneidade, principalmente no Brasil, e sua obra está intimamente ligada às teorias feministas, com contribuições para a nova política de gênero. Essas contribuições envolvem uma combinação de movimentos que abrangem o

²¹ É possível que a resposta a esta contradição esteja na forma como a homofobia se adaptou às sociedades modernas, amenizando os sinais de discriminação contra gays e lésbicas e tolerando certos direitos sociais não reconhecidos anteriormente, mas sem aceitar a igualdade e a normalização da vida das pessoas LGBT. Tradução livre pelo mestrando.

²² Preceitos aqui no significado que é atribuído literalmente, como o que se recomenda praticar, regra ou norma.

transgênero, a transexualidade, a travestilidade e a intersexualidade e suas complexas relações com a teoria feminista e queer.

Não se pode narrar uma história sobre como alguém se desloca do feminismo ao queer e ao trans. E não se pode narrar essa história, simplesmente porque nenhuma dessas histórias pertence ao passado: essas histórias continuam ocorrendo de formas simultâneas e solapadas no instante mesmo em que as contamos. Em parte, se dão mediante as formas complexas em que são assumidas por cada um desses movimentos e práticas teóricas. (BUTLER, 2006, p. 17)

Podemos iniciar aqui, este capítulo que abordaremos as performances de gênero, o entendimento do que é um corpo travesti e como esses indivíduos se veem diante do mundo. Durante a exibição de um popular Reality de televisão no Brasil em 2022, O Big Brother Brasil (BBB22), tivemos a primeira participação de uma travesti, Linn da Quebrada. É interessante como Linda, forma carinhosa que foi tradada pelo apresentador Tadeu Schimdt, questionou por várias vezes as questões de gênero no primeiro episódio do programa ela se apresentou dizendo:

Quando alguém me pergunta: ‘O que você faz da vida?’ eu não sou só cantora, não sou só atriz... Eu tenho uma cachorra, tenho uma mãe, sou filha da Dona Lilian de 68 anos, alagoana, estou aqui também por ela, pra dar uma garantia, uma velhice mais confortável pra minha mãe, porque quero garantir uma casa, um lugar onde a gente tenha onde ficar”. (BIG BROTHER BRASIL, 2022)

Linn da Quebrada com essa fala está indo muito além do que a sociedade heteronormativa a define, (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007) sinaliza que as travestis são uma identidade brasileira e que por seus indivíduos geralmente são pertencentes às classes menos favorecidas ou populares que partilham de valores morais e éticos e estéticos de gênero e sexualidade “característicos de uma sociedade pós-escravista em que o binarismo e a dominação masculina são tão arraigados quanto persistentes” e que de modo intrínseco em meio as transformações e intervenções que fazem em seus corpos as diferenças de outras experiências que possam ser parecidas.

Eu sou complexa, sou contraditória, trabalho com o erro, com o fracasso... Eu sou o fracasso! Eu fracassei! Sou o fracasso de tudo o que esperavam que eu fosse... não sou homem, não sou mulher, sou travesti! Talvez vocês já estejam cansados de me ver chorando e emocionada nesses últimos dias, mas é que está sendo muito especial para mim estar vivendo esse momento de poder estar me tornando aquela que eu gostaria de ser. (OBSERVATÓRIO G, 2022).

Os Estudos de Gênero tiveram impulso na década de 70 e se consolidaram nas décadas seguintes de 80 e 90, possibilitando que novos conceitos a respeito da constituição da identidade partindo de vertentes diversas como nacionalidade, raça e classe social (ESGOTEGUI, 2004).

A percepção de nuances possibilitou o surgimento de novas perspectivas que questionam a concepção tradicional de gênero e da diferença sexual como experiências universais. A definição de mulher, até então estabelecida, passou a ser objeto de debate, contando com o auxílio dos Estudos culturais, que fornecem análises fundamentais para compreender a posição do sujeito e os papéis sexuais em sua construção. Ou seja, o significado de "ser mulher" pode variar em diferentes culturas existentes

Podemos analisar como o contexto social instrumentaliza também os sujeitos que são divergentes. A construção das identidades das pessoas travestis é complexa e está relacionada às interações sociais que envolvem classe social, condições econômicas e contexto cultural, bem como o posicionamento em redes de sociabilidade (BARTOLOZZI, 2015, p. 126). Nesse sentido, as redes de sociabilidade são influenciadas por diferentes aspectos da vulnerabilidade e podem ser afetadas negativamente, resultando em perda de relacionamentos e mudanças nas interações sociais, devido às transformações identitárias das pessoas que estão inseridas nessas condições.

Segundo Lohana Berkins, militante Argentina, travesti reconhecida e referência internacional do movimento LGBT, falecida em 2016, a exclusão dentro do movimento gay fez com que as travestis tivessem que travar uma luta por visibilidade. Posteriormente, elas tiveram que tratar de suas peculiaridades como grupo que se destaca por suas condições de existência reverberadas na exclusão, na prostituição e na violência (BERKINS, 2003)

Berkins foi uma indiscutível e avassaladora referência para o movimento LGBTQIAPN+ argentino, seja por sua personalidade, humor ou força combativa pela luta contra a discriminação de corpos considerados à margem da sociedade, o que fez nos anos 2000, frente à sua grande popularidade, que abandonasse as ruas e esquinas do bairro Flores, onde era prostituta, e enviasse uma carta a então secretária de Promoção social do governo da cidade de Buenos Aires, pedindo-lhe uma audiência. Berkins que estava na prostituição desde os 13 anos de idade, aproveitou-se da manifestação do Presidente Fernando de La Rúa de não mais permitir a prostituição nas ruas de Buenos Aires, para exigir trabalho e visibilizar a discriminação laboral contra as travestis.

Não me eram estranhos o maltrato dos homens, a violência, o frio, três graus abaixo de zero e eu sob uma árvore, a chuva, a miséria das estações, das prisões. Me parecia que esse era o mundo, algo para o qual eu estava pronta. Havia começado a prostituir-me aos treze anos e sentia que era parte do jogo, porém não me dava conta de que estava morrendo por dentro. O que eu estava deixando ali era tremendo. Por isso disse “não vou mais para a rua”, e essa decisão significa reclamar outra dignidade. (ESQUERDA DIÁRIO, 2016).²³

O desenvolvimento corporal e hormonização que ocorrem na puberdade naturalmente juntamente com as intervenções no corpo por meio de métodos clandestinos, a evasão escolar no sistema educacional pela discriminação resulta em baixos níveis de escolaridade, a expulsão de casa e o enfraquecimento ou perda total dos laços familiares são também elementos comuns à vida das travestis (OLIVEIRA, 2017).

Oliveira (2017) afirma em seus estudos acerca da formação da identidade travesti no Brasil que;

O imaginário cultural latino-americano mantém essas pessoas dentro do signo da perversidade, do exótico, do abjeto que seduz e ao mesmo tempo provoca asco, por não se conformar à perspectiva médica que visa a uma higienização desses indivíduos, de forma que possam se adequar às normas sociais vigentes. Diferentemente das transexuais, que desejam ser vistas como mulheres “completas”, travestis assumem um corpo de uma devir-mulher, desafiando as fronteiras precisas entre o masculino e o feminino. (OLIVEIRA, 2017, p. 03)

2.1 Afinal o que significa o gênero ser performativo segundo Butler?

Uma coisa é dizer que o gênero é performado e isso é um pouco diferente de dizer que o gênero é performativo. Segundo Butler, quando dizemos que o gênero é performativo, nós queremos dizer que tomamos um papel, nós estamos agindo de uma determinada forma e que essa ação, ou essa interpretação é crucial para o gênero que nos apresentamos ao mundo.

Dizer que o gênero é performativo é algo diferente, pois algo performativo significa que essa ação significa produzir uma série de efeitos. Nós agimos, andamos e falamos de formas que consolidam uma impressão de ser homem ou mulher, sobre Dandara, Holanda escreveu;

Ela usa va calça vermelha, baby look, passa va decolorante no corpo para ficar com pelos loiros e seu andar tinha a sua marca registrada, reconhecíamos aquele andar à

²³ Disponível em: <https://x.gd/qLdQ4>. Acesso em: 18/11/2023

distância. Ela era chique, cruzava as pernas (...) por conta da sua compleição, corpo masculino, pernas meio tortas, eu sempre brincava nessa época: “com essa tua cara de macho, tu nunca vai ser um viado, desiste!” Ela respondia com bom humor: “Mona, nasci garota, querida.” E era a maior verdade. (HOLANDA, 2019, p.36.)

Em entrevista para o portal multimídia Big think, Butler relata sua experiência quando chega em Berkeley, cidade localizada na costa leste da Baía de São Francisco, na Califórnia e, novamente em 2015, em Lisboa, na conferência intitulada Why bodies matter - Gender trouble;

Quando eu estava andando na rua em Berkeley, quando eu cheguei aqui pela primeira vez anos atrás, uma moça, que eu acho que estava no colegial, se debruçou da sua janela e gritou: “você é lesbica?”. Ela estava querendo me ofender ou talvez estava estranhando muito? Ou ela achou que eu parecia ser o que eu queria que ela pensasse que eu fosse? Mas eu me virei e disse “sim eu sou!” e ela ficou muito chocada. (BUTLER. Why bodies Matter – Gender Trouble. Conference. 2015)

De acordo com Butler (2015), nós agimos como se este ser homem ou ser uma mulher, fosse na verdade uma realidade interna de que algo que simplesmente é uma verdade sobre nós. Este fenômeno tem sido produzido todo o tempo e, principalmente, reproduzido todo o tempo. Holanda também relata o processo de aceitação de Dandara;

Foi um processo natural. Nunca ninguém perguntou ou questionou que ela havia se tornado gay. Nós sabíamos, minha família, as meninas filhas da dona Esmeralda, nossos amigos de calçada, a família dela, e até os meninos do futebol. Todos sabiam... Ela era querida, ninguém se importava, era amada do jeito que era e aquilo não tinha nenhuma importância. (HOLANDA, 2019, p.37)

Logo, segundo Butler (2015), dizer que o gênero é performativo é dizer que ninguém pertence a um gênero desde sempre e, ela afirma na conferência de Lisboa sobre os corpos que importam, que tem a consciência que tudo isso é controverso, porém é essa a sua proposta;

Pense como é difícil para garotos femininos ou como é difícil para garotas masculinas “funcionar” socialmente sem sofrerem bullying, sem sofrer provocações, ou sem sofrerem, às vezes, ameaças de violência, ou ainda que seus pais interfiram para dizer “talvez você precise de psiquiatra”, ou “por que você não pode ser normal?”
(BUTLER, Why bodies Matter – Gender Trouble, Conference, 2015).

No entendimento de Butler (2015), existem poderes institucionais, como a normalização psiquiátrica, e há tipos informais de práticas, como o bullying, que tentam nos manter em nossos lugares de gênero, para Butler;

Há uma verdadeira pergunta sobre como as normas de gênero se estabelecem e são policiadas, qual o caminho melhor para desestabilizá-las e para separar essa função de policiamento. O gênero é culturalmente formado, mas ele também é um domínio de agência ou liberdade.

(BUTLER, Why bodies Matter – Gender Trouble, Conference, 2015)

Para Butler (2015) é importante resistir à violência que é imposta pelas normas ideais de gênero, especialmente contra aquelas pessoas que são diferentes e desviantes em relação a sua apresentação ao gênero.

Em sua obra *Problemas de gênero* (2017), Judith Butler aprofunda a ideia de que a identidade de gênero é uma construção social e histórica, que é moldada por meio de uma série de atos performativos. Butler destaca que o gênero é produzido por meio da repetição de gestos, falas e movimentos que reforçam os papéis e encenações socialmente esperados. Nesse sentido, a estilização do corpo é um elemento importante na formação do gênero.

No entanto, Butler enfatiza que essa construção é constantemente moldada e transformada pelas relações de poder que permeiam a sociedade. Ela possui o mesmo entendimento que Simone de Beauvoir ao afirmar que o gênero não é criado por um indivíduo isolado, mas sim por uma estrutura binária dominada por relações de poder que servem a interesses reprodutivos.

Segundo Butler, a fluidez e complexidade da identidade de gênero exigem uma análise crítica das normas sociais que a moldam. Butler busca inspiração nas ideias de Michel Foucault, para quem a subjetividade é moldada por práticas discursivas e por relações de poder que são constantemente negociadas e contestadas.

Dessa forma, o trabalho de Butler não só enfatiza a importância de uma compreensão crítica das normas sociais que moldam o gênero, mas também destaca a necessidade de resistência e de luta contra a opressão de gênero. Afinal, a identidade de gênero é uma construção social que pode e deve ser transformada para garantir a igualdade e a liberdade de expressão de todos os indivíduos.

Em *Problemas de gênero* (2017), Judith Butler revisita a filósofa Simone de Beauvoir para discutir a construção social do gênero. Butler destaca que o gênero não é uma identidade estável ou fixa, mas sim uma construção cultural e histórica que é influenciada pelas normas e expectativas da sociedade.

Butler também aponta que os gêneros masculino e feminino são uma estrutura binária dominada de maneira sutil, criando uma matriz heterossexual que limita a liberdade de

expressão e reforça a heteronormatividade. Isso significa que as pessoas são taxadas de acordo com sua genitália, e não têm a liberdade de expressar sua identidade de gênero de forma autêntica.

Butler ressalta que a construção do gênero se inicia desde o momento em que o bebê está na barriga da mãe, quando a família já começa a preparar o enxoval, baseando-se nas expectativas do sexo da criança. Isso demonstra como a sociedade reforça estereótipos de gênero desde o nascimento.

Dessa forma, a frase de Beauvoir, "ninguém nasce mulher, torna-se mulher", demonstra que o conceito de gênero se refere ao masculino e feminino como uma construção social e cultural, e não apenas como um atributo biológico. Essa compreensão é importante na luta contra a opressão e pela igualdade de gênero, pois reconhece que a identidade de gênero é uma construção social que pode ser desafiada e transformada.

Ainda de acordo com Judith Butler, em seu trabalho *Problemas de gênero* (2017), a cultura impõe práticas consideradas femininas ou masculinas, o que ela chama de performatividade, excluindo aqueles que não se encaixam nessas normas, criando assim a heteronormatividade. Essa imposição de identidades de gênero excludentes é algo que precisa ser desconstruído, para que todas as pessoas possam ser acolhidas da maneira que desejam.

Butler (2017) argumenta que o gênero não é algo que nós somos, mas sim algo que fazemos continuamente, por meio das repetições das normas sociais. Essa repetição não apenas reafirma as normas já estabelecidas, mas também as legitima. Para Butler (2017), o corpo não é simplesmente uma materialidade, mas sim uma materialização de possibilidades, uma ideia histórica que traduz significado.

Butler também concorda com Simone de Beauvoir e Merleau-Ponty ao afirmar que o corpo é uma situação histórica e que as identidades de gênero são construções sociais moldadas pelas relações de poder. A desconstrução dessas normas sociais é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todas as pessoas possam ser quem são, independentemente de seu gênero;

...o corpo não é apenas matéria, mas uma contínua e incessante materialização de possibilidades. Não somos simplesmente um corpo, mas, num sentido verdadeiramente essencial, fazemos o nosso corpo, e fazemo-lo diferentemente tanto dos nossos contemporâneos como dos nossos antecessores e sucessores (BUTLER, 2011, p. 72).

Gênero é uma performance social que não é determinada pela biologia, mas sim pela cultura e pelas normas sociais impostas. Butler (2017) argumenta que o feminismo cometeu um erro ao tentar encontrar uma unidade universal em torno do conceito de *mulher*, ignorando as diferenças e diversidades dentro do próprio grupo. Ao invés disso, Butler sugere que o feminismo deveria se concentrar em dar espaço para a escolha individual de identidade de gênero, quebrando assim as normas binárias impostas pela sociedade.

Butler (2017) ressalta que a ideia de que a biologia é destino é falaciosa, pois a cultura e as normas sociais têm um papel fundamental na construção das identidades de gênero. Ela argumenta que os corpos *masculinos* e *femininos* são construções culturais que não se limitam ao que é determinado pela biologia. Assim, a escolha individual não é possível quando o gênero é imposto por meio de normas culturais.

Butler compara as performances teatrais com as performances de gênero. Enquanto as primeiras são vistas como algo que pode provocar prazer e aplausos, as últimas são frequentemente punidas e levam ao medo, raiva e até mesmo violência. Isso demonstra a força das normas de gênero impostas pela sociedade e como essas normas afetam a forma como as pessoas são vistas e tratadas.

Em resumo, Butler (2017) argumenta que a diversidade deve ser abraçada dentro do feminismo e que as normas culturais são as principais responsáveis pela construção das identidades de gênero. Ela incentiva a escolha individual de identidade de gênero e a quebra das normas binárias impostas pela sociedade, a fim de permitir uma maior liberdade e diversidade de expressão, argumentando que o gênero não é uma categoria fixa e imutável, mas sim uma construção social que se transforma ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais.

A travestilidade, como uma expressão de gênero que desafia as normas convencionais, destaca-se como um ponto de partida relevante na discussão de Butler. Essa identidade de gênero, muitas vezes mal compreendida e estigmatizada, serve como um exemplo poderoso da fluidez de gênero e da complexa interação entre indivíduos e as normas culturais que moldam suas identidades. Em o casulo Dandara, Holanda relata uma situação em que Dandara exige ser chamada pelo nome ao qual representa sua identidade de gênero:

[Dandara] começou a injetar anticoncepcional no corpo. Ela aplicou o hormônio durante anos, sempre na mesma farmácia. O proprietário e os funcionários a conheciam, quando as pessoas a chamavam pelo seu nome de batismo, Dandara sempre repetia: Meu nome não é mais este, querida. Meu nome agora é Dandara! (HOLANDA, 2019, p. 74)

Em *Problemas de gênero* (2017) Butler considera gênero uma variável fluída, que pode ser reinventada pelo sujeito, permitindo novas possibilidades de expressão e identificação destacando a importância de compreender que o desejo também é flexível e não está vinculado a uma identidade fixa de gênero. Ela propõe uma abordagem queer do desejo, que desafia as normas heteronormativas e permite a experimentação e a expressão livre de desejos e práticas sexuais.

Por fim, Butler destaca a importância de uma abordagem interseccional do gênero, que reconhece a interconexão entre as diferentes formas de opressão e marginalização, como raça, classe social, orientação sexual e identidade de gênero, argumentando que a luta pela igualdade de gênero deve ser parte de uma luta mais ampla por justiça social e igualdade para todos os grupos marginalizados.

O gênero não é inscrito no corpo passivamente, nem é determinado pela natureza, pela linguagem, pelo simbólico, ou pela história assoberbante do patriarcado. O gênero é aquilo que é assumido, invariavelmente, sob coação, diária e incessantemente, com inquietação e prazer. Mas, se este ato contínuo e confundido com um dado linguístico ou natural, o poder e posto de parte de forma a expandir o campo cultural, tomado físico através de performances subversivas de vários tipos (BUTLER, 2011, p. 87).

As reflexões de Judith Butler são cruciais para as discussões sobre a constituição de gênero e o avanço dessa dissertação sobre as relações de poder que levaram Dandara a ser julgada, condenada e executada, pois uma sociedade predominantemente heterossexual, aqueles que não seguem as normas impostas são estereotipados e agredidos, tornando urgente a necessidade de repensar essas estruturas para construir uma sociedade que respeite as diferenças e igualdades de todos.

O caso de Dandara é um exemplo doloroso da violência que as travestis enfrentam e como as normas de gênero são centralizadas nas sociedades. O assassinato de Dandara não pode ser isolado do contexto social e cultural que molda as identidades de gênero e perpetua as normas binárias. Nesse sentido, as teorias de Judith Butler fornecem uma perspectiva valiosa para entender e analisar o caso de Dandara. A estudiosa argumenta que as normas culturais são fundamentais na construção das identidades de gênero, destacando que o gênero não é uma categoria fixa, mas uma construção social que evolui ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais.

A morte de Dandara reflete como as normas binárias de gênero, que restringem o entendimento convencional de masculinidade e feminilidade, têm sérias implicações para as pessoas travestis no Brasil e no mundo. A violência contra Dandara foi um ato extremo de reforço dessas normas, que negam a identidade de gênero da pessoa e a sujeitam a discriminação e violência.

Butler também enfatiza a importância da escolha individual das identidades de gênero. O fato de Dandara escolher viver sua identidade de gênero como uma travesti desafiou as normas sociais vigentes, o que muitas vezes leva a reações violentas. Além disso, o caso de Dandara também ilustra a fluidez do gênero. O gênero não é uma entidade estática, mas algo que evolui e se manifesta de diferentes maneiras. Dandara não se conformou com as normas de gênero convencionais, desafiando assim a rigidez dessas normas.

Em resumo, o caso Dandara demonstra como as teorias de Butler sobre a fluidez de gênero, a importância da escolha individual e a influência das normas culturais podem ser aplicadas à compreensão das experiências e desafios enfrentados pelas pessoas dissidentes de gênero, bem como à necessidade de promover a igualdade e o respeito pelas diversas identidades.

Isso requer questionar as estruturas culturais, políticas e sociais que se cristalizaram em nossa sociedade sob uma ordem patriarcalista. Entender a constituição de gênero na visão de Butler é essencial para desconstruir os paradigmas que limitam nossa compreensão sobre a diversidade humana.

Acreditamos que essa mudança só será possível com uma deslocação de comportamento e atitude, construída por meio de novas performances que não sigam os padrões estabelecidos. Sendo assim necessário suprimir as expectativas impostas pela sociedade e dar voz às necessidades íntimas e particulares de cada indivíduo para alcançar a verdadeira liberdade de expressão.

É importante que aqui nós destaquemos que a constituição de gênero não é limitada à dicotomia entre masculino e feminino, como já dito por Butler, mas sim uma variável fluída que se transforma em diferentes contextos e períodos históricos. É fundamental reconhecer a diversidade de gêneros e respeitar a identidade de cada indivíduo a conscientização da sociedade sobre a importância de repensar as estruturas sociais e culturais que limitam a nossa compreensão sobre a diversidade humana é crucial para alcançar uma sociedade mais justa e igualitária, onde as diferenças sejam respeitadas e celebradas. A luta pelos direitos

LGBTQIAPN+ é uma pauta urgente que deve ser incorporada em todas as esferas sociais e políticas.

As imagens chocantes da destruição do corpo de Dandara, que trataremos em um capítulo especificamente, são um retrato da brutalidade e da violência sofridas por pessoas que não se encaixam nas normas cisnormativas. Infelizmente, a cultura dominante tende a reconhecer apenas as vidas que se enquadram nas expectativas binárias e heteronormativas de gênero, ignorando e desvalorizando a existência de indivíduos que desafiam essas normas, como citado por Butler (2017).

Essa cisnormatividade, que se baseia em uma concepção binária e limitada de gênero, é a raiz da discriminação e violência enfrentada pela comunidade LGBTQIAPN+. A imposição de papéis de gênero estritos e a negação de identidades e expressões de gênero não normativas levam a um sistema de opressão que pode ter consequências devastadoras, como foi fator determinante para o assassinato da travesti Dandara.

É preciso lembrar que a violência contra indivíduos queers é uma realidade global, e que a luta contra a cisnormatividade e a transfobia é uma luta constante e urgente por direitos e justiça.

A constante presença do luto na comunidade queer é um lembrete da violência e desumanização que muitos enfrentam diariamente. Diante desse cenário, é uma questão de sobrevivência buscar respostas e estratégias para lidar com a dor e manter a esperança de um futuro mais justo, mesmo que este ainda pareça longínquo.

Essa pesquisa se torna uma ferramenta importante nesse contexto, pois permite a materialização da esperança de que a humanidade de uma travesti assassinada possa ser resgatada e estendida a todas as outras vítimas esquecidas de mortes violentas. É uma forma de honrar as vidas perdidas e lutar por um futuro onde a violência e o preconceito não mais existam.

É importante lembrar que a luta pela igualdade e respeito às diferenças deve ser uma responsabilidade coletiva, sendo necessário que a sociedade, como um todo, se engaje na construção de um mundo mais justo e igualitário, onde todas as vidas sejam valorizadas e respeitadas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Afinal, só poderemos alcançar a verdadeira justiça quando a luta contra a discriminação e violência não for mais um imperativo de sobrevivência.

2.2 Violências legalizadas

Uma das formas mais comuns de violência legalizada contra travestis é a criminalização de sua existência. Em muitos países²⁴, a simples existência de um indivíduo travesti é considerada um crime, e isso permite aos agentes de segurança pública uma justificativa para detê-las, revistá-las e, muitas vezes, agredi-las e assassiná-las

Além disso, a falta de proteção legal para pessoas que ousam cruzar as fronteiras do gênero muitas vezes resulta em impunidade para os agressores. Em muitos casos, a polícia se recusa a investigar situações de violência contra pessoas queers, ou mesmo culpabiliza a vítima pelo crime cometido contra ela levando a impunidade.

Dandara foi uma travesti brasileira que, como muitas outras pessoas travestis, teve que enfrentar múltiplas formas de violência em sua vida. Ela cresceu em uma sociedade que a marginalizava, discriminava e limitava suas possibilidades de educação e emprego. Sem acesso a cuidados médicos e a empregos formais, muitas pessoas dissidentes de gênero se veem forçadas a se envolver em trabalho sexual como uma opção de último recurso para ganhar dinheiro e sobreviver. Sobre a entrada de Dandara na prostituição, Holanda escreve;

Rapidamente, Dandara fez amizade com as travestis da avenida Beira Mar, elas logo se apaixonaram pelo jeito palhaça de Dandara, e assim ela foi lentamente se transformando em uma profissional do sexo. Michaely observava Dandara entrar e sair de uns quatro carros durante à noite. Seus programas estavam dando lucro, imaginava Michaely. (HOLANDA. 2019, p. 79)

No entanto, a criminalização do trabalho sexual no Brasil tem como resultado expor as pessoas travestis e transexuais a ainda mais violência legalizada. A polícia frequentemente realiza “batidas” em áreas conhecidas por prostituição, detendo e agredindo as pessoas envolvidas, muitas vezes de forma abusiva e desproporcional. Além disso, a criminalização do trabalho sexual cria um ambiente propício para a exploração, a violência e a marginalização das pessoas envolvidas.

²⁴ As relações entre pessoas do mesmo sexo são criminalizadas em 73 países e, em 13 deles, podem ser punidas com morte. Os países que punem as relações homossexuais com pena de morte são Afeganistão (Ásia), Arábia Saudita (Ásia), Emirados Árabes Unidos (Ásia), Iêmen (Ásia), Irã (Ásia), Iraque (Ásia), Mauritânia (África), Nigéria (África), Paquistão (Ásia), Qatar (Ásia), Síria (Ásia), Somália (África) e Sudão (África). Levantamento é feito pela associação internacional Ilga (International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association) desde 2006. Disponível em: <https://x.gd/L7pE4>. Acesso em: 10/12/2022.

João nas idas à rua 924, em uma conversa com Dandara, revelou a sua nova profissão: “agora meu bem, sou cafetina!”. Dandara achou tudo muito encantador e pediu a João para morar com ela em sua nova casa²⁵. Porém, morria de medo de sua mãe fazer uma denúncia à polícia e prejudicar sua amiga, e acabou voltando para casa. Liza tentava combater de forma explícita a entrada de Dandara na prostituição, não gostava da forma que João da moto falava daquele mundo para suas amigas. Em alguns momentos achava João uma sonhadora e, em outros, uma aliciadora. (HOLANDA, 2019, p. 78)

Essa realidade dura e desigual é uma das muitas razões pelas quais a história de Dandara é tão emblemática. Ela teve que se prostituir quando jovem por falta de estudo e acesso ao trabalho, e acabou sendo vítima de um dos crimes mais brutais e violentos que se pode imaginar. Ainda assim, o assassinato de Dandara não é um caso isolado. Infelizmente, a violência contra pessoas travestis é uma realidade constante em muitos países, inclusive no Brasil, onde as taxas de homicídio são particularmente altas.

Diante disso, é fundamental que sejam tomadas medidas eficazes para proteger as pessoas transgênero e travestis e combater a violência legalizada. Isso inclui a garantia de acesso a cuidados médicos e a oportunidades de emprego dignas e seguras, bem como a descriminalização do trabalho sexual e a implementação de políticas que combatam a violência e a discriminação contra travestis.

A violência legalizada contra travestis é uma forma grave de opressão que precisa ser combatida. Isso pode ser feito por meio da promoção de leis que protejam os direitos humanos de pessoas queers, garantindo que os agressores sejam punidos e que as vítimas tenham acesso à justiça. Além disso, é necessário promover a igualdade e o respeito pelas diferenças, para que todos possam viver com segurança e dignidade.

Segundo Holanda, 1998 foi o auge das travestis na avenida Beira Mar, muitas delas oriundas do interior do Ceará e das periferias de Fortaleza, conheciam a avenida, que era o maior ponto de prostituição da cidade e vislumbravam ganhar dinheiro na rua;

Elas sonhavam em colocar próteses de silicone e ir para a Europa, fazer a vida por lá, e depois voltarem para suas casas no Brasil. Um sonho vendido de forma muito bonita, porém com um custo elevado do que, muitas vezes, poderia ser pago com a própria vida. (HOLANDA. 2019, p.82,)

²⁵ Percebemos aqui uma certa ingenuidade de Dandara. De acordo com Holanda, João da Moto era um adolescente que desejava se travestir, mesmo sendo de uma situação econômica estável e melhor que a de Dandara e suas amigas. A vida de João muda drasticamente quando a mãe a coloca para fora de casa e recebe a orientação de abrir uma casa de prostituição explorando as “bichas independente de elas ganharem ou não trabalhando à noite, elas têm que pagar diariamente” (HOLANDA. 2019, p.76.)

Holanda também expõe mais violências quando confronta as questões de identidade de gênero das travestis frente à prostituição²⁶. A subjugação dessa comunidade ao trabalho sexual é o desfecho de um extenso histórico de marginalização social, que tem início com a rejeição pela família, segue com o abandono da educação e, como resultado direto, leva à exclusão do setor de trabalho convencional.

2.3 Performance de gênero: conceitos

Um dos maiores problemas em relação a escrita de Judith Butler, considerado por muitos, é o fato de que sua produção bibliográfica é permeada por uma escrita densa e, por muitas vezes, difícil, ou seja, não é qualquer pessoa que consegue ler com facilidade as coisas que ela escreve. O que queremos dizer aqui é que para uma leitura de Butler pressupõe-se que o seu leitor precisa de um arcabouço de leituras maior de outros autores e autoras e que antecede a sua.

Ela pressupõe a leitura de muitas outras autoras, o estilo é rebuscado, mas de qualquer forma, a despeito de qualquer dificuldade, é uma autora acessível. Acessível no sentido de que podemos ter acesso, com tanto que se faça alguns esforços para isso e naturalmente, isso vale para qualquer autor ou autora. (OLIVA. 2022)²⁷

O debate a respeito de gênero de Judith Butler perpassa e dialoga com a filosofia da linguagem performativa de Oxford do autor John Austin²⁸ em um artigo que se chama “How to do things with words”, algo como “quando dizer é fazer” na tradução para o português de que, basicamente, um compilado de várias aulas ministradas em que apresenta a teoria sobre como fazer coisas com palavras;

²⁶ Conforme dados fornecidos pela Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), 90% da comunidade transgênero no Brasil recorre à prostituição como principal meio de sustento, muitas vezes sendo a única opção viável para garantir sua sobrevivência. Disponível em: <https://x.gd/HWkHr>. Acesso em: 10/10/2023.

²⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=neuTA6zt1IU&ab_channel=AlfredoOliva. Acesso em: 28 out. 22.

²⁸ John Lagshaw Austin (1911-1960), considerado um filósofo da linguagem responsável pelo desenvolvimento de uma grande parte da atual teoria dos atos de discurso. Na filosofia da linguagem, Austin, estava próximo a Ludwig Wittgenstein (1889-1951), preconizando o exame da maneira como as palavras são usadas para elucidar seu significado. Austin pertencia ao chamado Grupo de Oxford que, como o Grupo de Cambridge, foi fortemente influenciado por Wittgenstein.

O que temos, basicamente nesse texto é um debate sobre uma dimensão da linguagem que é pouco enfatizado por nós na atualidade, que é a ideia de que as palavras servem, claro para designar coisas e objetos concretos ou abstratos no mundo, mas as palavras servem para que façamos coisas, por exemplo, há uma série de verbos que são designados para ações, para um modo de ação, e existem os verbos que são performáticos por excelência. (OLIVA. 2022)²⁹

De acordo com Oliva (2022), quando em determinados momentos utilizamos formas verbais e com elas não estamos designando nada, nós estamos é realizando ações exatamente por meios dessas expressões verbais tendo a linguagem não apenas como uma função designativa ou descritiva daquilo que está acontecendo no mundo, porém com um diálogo com a linguagem pensada enquanto performance, ou seja, como um modo de realizar uma ação.

Judith Butler (2017) propõe por intermédio de Problemas de gênero é uma filosofia não especulativa³⁰ do gênero, ou seja, em nenhum momento está tentando definir o que é gênero e nem seus contornos — o que é uma tendência de o mundo contemporâneo querer nomear todos os gêneros existentes — e que para Butler seria seguir a mesma fórmula padrão binária da heteronormatividade. Assim, se estamos criticando essa normatização o que a gente colocaria em seu lugar? Uma nova normatização? Segundo Oliva (2022);

A ideia que Butler nos traz a reflexão é que não, nós não queremos colocar uma nova normatização, por outro lado está buscando uma nova filosofia não especulativa, no sentido de que não está à procura de essência de gênero, porque encontrar a essência do gênero seria necessariamente desembocar numa nova normatização. (OLIVA, 2022)

Butler permeia a ideia de que o gênero não tem essência, mas ao mesmo tempo não está defendendo a ideia de que o gênero não exista ou não signifique nada. O que seria então o gênero? É exatamente este o motivo pelo qual optamos em seguir pela linha de raciocínio desde os debates do que é o gênero para somente começarmos a falar sobre a travesti Dandara. O gênero é nada mais que uma performance, ou seja, o gênero é aquilo que alguém está performando num momento ou num determinado momento de sua vida.

²⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=neuTA6ztl1U&ab_channel=AlfredoOliva>. Acesso em: 28 out. 22.

³⁰ Butler propõe uma filosofia que tende a ser mais analítica, um movimento nascido no século XX baseando-se em que a filosofia deva utilizar-se de técnicas lógicas tendo a linguagem como sua principal ferramenta.

(...) o corpo não é apenas matéria, mas uma contínua e incessante materialização de possibilidades. Não somos simplesmente um corpo, mas, num sentido verdadeiramente essencial, fazemos o nosso corpo, e fazemo-lo diferentemente tanto dos nossos contemporâneos como dos nossos antecessores e sucessores (BUTLER, 2011, p. 72).

Butler (2017) defende o conceito da fluidez dessa própria ideia de performance de gênero como uma ação que as pessoas eventualmente estão identificadas com determinadas expressões de vida. Mas o fato delas estarem identificadas não significa que essa identificação prenda esses sujeitos a essa identidade. Assim, essa identificação, este modo de viver a sexualidade pode funcionar hoje, mas isso não quer dizer que será assim de forma constante. Butler considera a ideia da própria identidade como um processo que não tem essência, um transcurso constante de vir e um vir a ser uma transformação constante.

É em Problemas de gênero (2021) que Butler tece a crítica sobre como o feminismo ao tentar produzir uma unidade ao grupo mulher, considerando o sujeito mulher como universal, falhou de forma vertiginosa e, como consequência, ainda reforçou uma desarmonia numa visão binária de gênero,

que a cultura impõe os gêneros feminino e masculino, através de corpos “masculinos” e “femininos”. Portanto, não existe escolha, quando o gênero é construído de forma natural (biológico) ou cultural, ele assim sendo é imposto. (HADDAD; HADDAD. 2017, p.08)

O que Butler busca sempre fazer é romper o discurso e não entrar em debates essencialistas de sexo como parte da natureza e gênero como elemento cultural, evitando assim embates especulatórios desembocando, assim, em que gênero é uma construção efetivamente performática.

Para Butler (2021), o gênero não tem necessariamente uma essência, mas o gênero é aquilo que está sendo feito por uma determinada pessoa ou um grupo de indivíduos de forma infinita, múltipla, completa e que está em um caminho muito interessante, pois não está seguindo uma norma, nem binária e nem restrita, mesmo que, de acordo com OLIVA (2021), mais ampla, restrita ainda a um campo limitado de possibilidades, mas que oferece um infinito para as pessoas “e oferecer o infinito para as pessoas é oferecer a liberdade, para que elas possam criar e recriar a si mesmas da forma como elas bem entenderem”.

Neste ponto, onde se discute as possibilidades infinitas de gênero, percebemos que há um diálogo com a filosofia de Foucault. Esse diálogo surge quando ele começa a explorar o

conceito de estética da existência, considerando a vida como uma obra de arte - algo que os sujeitos vão inventando e criando.

Para que a vida possa se tornar uma obra de arte, é necessário que os indivíduos estejam, primeiro; cientes dos processos de conscientização e, segundo; que estejamos performando algo além dessas normatizações que estão disponíveis nas sociedades em que nós integramos. Assim sendo, não necessariamente que essas estejam identificadas a essa identificação que limite essa pessoa somente a essa identidade. De acordo com Butler (2021), essa identificação pode funcionar hoje, mas amanhã ela pode não mais funcionar, logo essa ideia da própria identificação do sujeito é um processo fluído e o conceito tanto de gênero, quanto o conceito de performance e a associação destes são bastante interessantes e úteis para a discussão tão complexa das questões que envolvem Dandara no próximo tópico sobre o Corpo político de Dandara.

2.4 O corpo político de Dandara

A compreensão da identidade de gênero e orientação sexual como categorias analíticas foi impulsionada pelas grandes transformações sociais do século XIX, que permitiram a constituição de novas subjetividades. Esse deslocamento de olhares em relação ao corpo e à sociedade foi possibilitado pela experiência dos sentidos de discurso. Nesse contexto, os estudos de Gayle Rubin desempenharam um papel fundamental ao analisar os fundamentos do sistema sexo-gênero, demonstrando que ele está presente em todas as sociedades humanas. Segundo Rubin, o sexo biológico serve como base para a procriação e é moldado por convenções sociais.

Segundo Rubin (2017), o sexo como o conhecemos — a identidade de gênero, fantasias sexuais, as concepções de infância — são produtos sociais. Berenice Bento (2017) suscita que a experiência transexual mostra que existe muitas expressões de gênero, uma multiplicidade de femininos e masculinos.

A pergunta que permeia o imaginário social diz respeito ao que é o sujeito travesti, o que se constitui no deslocamento das certezas o, que segundo Filho e Souza (2017), abre um leque para pensar na condição humana e na aventura do corpo.

Holanda (2019) em o Casulo Dandara, no capítulo intitulado Metamorfose, apresenta a constituição do corpo de Dandara para o travesti. Este capítulo também nos apresenta uma parte bem interessante a respeito de como não havia outras referências gays no bairro. Holanda escreve;

Dandara, Jorraina e Cândido conheceram um salão de beleza na Avenida G do conjunto Ceará. O salão pertencia a uma gay chamada “Marcinha”. Passaram a frequentar o comércio de Marcinha quase todos os dias. Lá no salão outras gays se encontravam. Na época não havia referências gays no bairro. Não haviam pessoas com coragem de mostrar a sua orientação sexual. Tinham medos, receios e dúvidas. (HOLANDA. 2021. p. 69)

Quando Holanda escreve que no salão “*outras gays*” se encontravam temos dois momentos importantes que quase passam despercebidos. O primeiro se refere ao termo “*outras gays*”, aqui a autora decodifica que essas gays se identificam com o gênero feminino, mesmo que esteticamente se apresentem ainda vestidos como homens. O segundo; a formação de comunidades, espécie de guetos onde Dandara e os demais sujeitos se identificam num ponto de referência em comum.

Segundo Silva (2007), as travestis veem seu corpo como uma vestimenta corrigível, costurável, enxertável, por isso o vestir-se de mulher é conotativo de disfarce que a travesti e mesmos os transformistas se utilizam para tentar corrigir a natureza biológica. Holanda descreve que Dandara e as amigas ao frequentar o salão de Marcinha sentem-se atraídas pela figura de Tamires e Tati, duas travestis assumidas;

Esta vam no salão quase que diariamente e de todas as figuras que andavam no salão na época, duas eram as mais interessantes. Tamires e Tati eram travestis assumidas. Tamires tomava Hormônios e tinha seios crescidos. Ela já se vestia de mulher. Era uma travesti formada. Tati não se hormonizava. Contudo usava sutiã com bojo para formar seios e também se vestia de mulher. (HOLANDA, 2017, p. 69)

Ao se referir a Tamires como uma *travesti formada*, Holanda faz uma referência às afirmações de Filho e Souza (2017) de que passar por uma mulher implica em uma transgressão da condição natural. Os autores destacam que as estratégias empregadas pelas travestis para se metamorfosearem em mulheres englobam não apenas gestos e performances, mas também signos que refletem as expectativas sociais do que é ser uma mulher. Para se transformar em mulher, a travesti usa truques, ou seja, artifícios como maquiagem, perucas e vestidos. Esses

recursos permitem que ela se "monte" como mulher, de acordo com uma gíria popular que significa mentir ou enganar.

Conforme narrado por Holanda (2017), Dandara começou a desenvolver características femininas no salão de Marcinha. Foi lá que ela pediu para fazer as sobrancelhas e se vestir como mulher para ir a uma festa. Com isso, ela tentava se transformar em algo que já sentia em seu íntimo.

Os três foram vestidos de mulher e se sentiram bastante à vontade com as novas pessoas nas quais estavam se transformando. Fizeram sucesso, estavam felizes e decididos. As piadas que fizeram com eles nesse dia não foram suficientes para que apagassem da mente deles a decisão de se tornarem aquilo que sempre tiveram desejo. (HOLANDA. 2017, p.70)

Importante notar que Holanda cita “*Eles*” como se fosse um divisor de águas entre a fisionomia masculina, mesmo já performando uma identidade divergente da biológica que somente se firma como “*Elas*”, segundo a autora, após a escolha de uma outra identidade. Sobre a escolha de um novo nome Holanda afirma;

Eles queriam ser reconhecidos por *elas*, não mais *eles* e, para se concretizar, precisavam de uma nova identidade. Dandara, Jorraina e Cândido construíram seus novos nomes. Nascia Dandara Katheryn de Velaskes, Jorraina e Liza Van Halen. (HOLANDA. 2017, p.70)

De acordo com Cavichioli (2021), nas interações sociais, não há muito tempo para se dizer quem se é, o que leva à criação de mecanismos de investimento para minimizar o desgaste de ter que negociar com os outros sobre a maneira de se estar no mundo. Portanto, surge o estereótipo como uma tentativa de escapar da violência que nega a existência de pessoas transexuais.

Após o seu renascimento, Dandara recorreu às práticas de readequação sexual da mente ao externo. Para isso, ela começou a injetar hormônios femininos, o que fez com que seu corpo começasse lentamente a apresentar seios. Dessa forma, Dandara refletiu sobre como se enxergava no mundo.

De acordo com Holanda (2017), a transição do corpo masculino para o feminino foi significativa para Dandara e suas amigas. Cândido foi o único que optou por não fazer a transição e, segundo Holanda, ele ficou apenas no campo do imaginário.

Para Dandara, o salão de Marcinha foi o primeiro contato com um meio onde ela se

identificava e não se sentia mais estranha dentro do próprio corpo, conforme relatado por Holanda.

No polo de lazer existia um barzinho chamado de Cajueiro. Se o salão de Marcinha tinha sido para elas o primeiro lugar com presença de gays, elas não sabiam o que se transformaria o Bar do Cajueiro. O lugar virou point de gays e travestis. Alguns tímidos chegavam por lá e pouco a pouco iam se enturmando. Dandara como sempre era a sensação do bar. Ela era querida por todos os gays e travestis, simpaticantes e os funcionários do estabelecimento. (HOLANDA. 2017, p.71)

Novamente, Holanda faz referências aos guetos gays e nos traz uma vivência dessas minorias em lugares do espaço urbano ao se referir “o lugar virou um point gay”, Wirth (1987) afirma que os guetos são lugares de acomodação, moradia e satisfação, onde um grupo minoritário sobrevive diante de um grupo majoritário opressor. O bar do Cajueiro foi descrito como o rompimento do *casulo* de Dandara, ali, naquele espaço, ela e as demais poderiam ser quem eram a despeito do que pensaria o restante do mundo;

Todas elas já não escondiam mais suas identidades, nem para os amigos, nem para a família, e muito menos para desconhecidos. Já era um mundo sem volta. Elas tinham saído do casulo. A metamorfose acontecera. Elas não eram mais meninas com aparência de meninos, sem identidades e confusos. Elas eram mulheres adultas e decididas. (HOLANDA. 2017, p.71)

Essa passagem citada por Holanda é um marco na biografia escrita pela autora, pois é a partir daqui que partimos para um lugar mais político do discurso. Temos aqui um corpo que está à margem da sociedade, que existe, mas sob uma ótica que não se limita ao sexo biológico, mas é uma construção feita arduamente na identidade. A metamorfose aconteceu, como citado por Holanda, mas Dandara nos revela toda a precariedade de sua vida também. A inexistência de políticas públicas também é exposta, mesmo que discretamente, quando é mencionado que Dandara começou a injetar hormônios.

De acordo com Halperin (1995), estar fora do armário não é se libertar, mas entrar em outra posição estratégica nas relações de poder próprias à esfera da sexualidade. Segundo Miskolci;

Assim, ao contrário da antiga política gay e lésbica liberacionista que pregava o sair do armário como libertação, uma política queer foca nas relações de poder e nas fissuras dentro de regimes que permitiriam a constituição de formas de resistência. (MISKOLCI. 2010, p.54)

Halperin argumenta que, embora muitas pessoas vejam o ato de sair do armário como uma forma de libertação e autenticidade, isso também implica em assumir uma nova posição dentro das relações de poder que existem em torno da sexualidade. Ao se tornar visível como uma pessoa LGBTQIAPN+, indivíduos passam a ser alvos de opressão, discriminação e violência por parte daqueles que detêm o poder.

Ao afirmar que entrar em outra posição estratégica nas relações de poder próprias à esfera da sexualidade, Halperin destaca que o ato de sair do armário não garante automaticamente a liberdade e a igualdade. Pelo contrário, a pessoa se torna vulnerável a formas específicas de opressão e controle que são dirigidas a indivíduos com identidades sexuais ou de gênero não normativas.

Essa perspectiva de Halperin ressalta a importância de reconhecer que, embora o ato de sair do armário possa ser um passo significativo para a autenticidade pessoal e para a luta pelos direitos LGBTQPN+, também coloca os indivíduos em uma posição onde eles precisam enfrentar as estruturas de poder que perpetuam a discriminação e a marginalização.

Dandara lidava com a complexidade das dinâmicas de poder que estão envolvidas nas experiências das pessoas que *saem do armário*, reconhecendo que essa ação não é apenas uma questão de libertação individual, mas também implica em entrar em uma nova posição nas relações de poder próprias à esfera da sexualidade. Guacira Lopes Louro (2008) aborda essa complexidade em seus estudos sobre gênero e sexualidade, ressaltando como as identidades não normativas são construídas e mantidas dentro de um sistema de poder heteronormativo e patriarcal.

Louro (2008) argumenta que o ato de sair do armário não ocorre em um vácuo social, mas sim em um contexto de opressão e hierarquias de poder. Ela destaca que, embora seja um passo importante para a visibilidade e para a luta pelos direitos LGBTQIPN+, é fundamental reconhecer que o sistema de poder continua a exercer sua influência sobre essas identidades. Em seu livro *Teoria queer - uma política pós identitária para a educação*, Louro (2001) afirma que;

(...) a sexualidade é um terreno profundamente marcado por desigualdades e pela persistência das diferenças, uma vez que o poder disciplina os corpos e as práticas sexuais, distribui prazeres e penalidades, classifica as identidades e instaura hierarquias de gênero (LOURO, 2001, p. 53).

Segundo Louro (2008) é preciso ir além do simples ato de sair do armário e engajar-se em uma luta política mais ampla, buscando a desconstrução das normas de gênero e sexualidade que sustentam a opressão e a discriminação.

Segundo Foucault (2013), o poder é uma rede complexa de relações que permeia todas as esferas da sociedade, inclusive o corpo. Em sua obra História da sexualidade, ele analisa como o poder disciplinar opera para controlar e normalizar os corpos. No contexto dos corpos transexuais e travestis, esses corpos são frequentemente alvos de práticas disciplinares que buscam restringir e silenciar suas identidades de gênero não normativas.

O poder não é algo que apenas restringe ou reprime, mas também produz e molda os sujeitos.

Michel Foucault enfatiza que o poder não é apenas uma estrutura hierárquica imposta de cima para baixo, mas uma rede complexa de relações que permeia todas as dimensões da sociedade, ele examina como o poder opera por meio de mecanismos disciplinares que visam controlar e normalizar os corpos.

No contexto dos indivíduos transexuais e travestis, esses corpos são frequentemente submetidos a formas específicas de poder disciplinar. A normatividade de gênero, construída com base na heteronormatividade e no binarismo de gênero, impõe padrões rígidos e restritivos que excluem e marginalizam aqueles que desafiam essas normas. Os corpos transexuais e travestis, ao romperem com as expectativas normativas de gênero, desafiam e questionam a rigidez das identidades de gênero atribuídas biologicamente.

As práticas disciplinares podem manifestar-se de várias maneiras, como violência física, discriminação institucional, estigmatização social e psicológica, entre outras formas de controle e repressão. Essas práticas têm como objetivo submeter e moldar os corpos, tornando-os conformes aos padrões normativos de gênero. A reação hostil e violenta àqueles que transgridem essas normas, como é o caso do assassinato de Dandara, é uma expressão do poder disciplinar que busca reprimir e silenciar identidades de gênero não normativas.

Além disso, o poder disciplinar se manifesta em mecanismos de vigilância e controle, nos quais os corpos transexuais e travestis são monitorados e regulamentados em instituições como a saúde, a educação e à justiça. Esses mecanismos buscam controlar e "corrigir" os corpos, muitas vezes por meio de intervenções médicas coercitivas, como terapias de conversão, patologização e medicalização da identidade de gênero.

No entanto, é importante ressaltar que, mesmo diante dessas práticas disciplinares, os corpos transexuais e travestis não são passivos ou meras vítimas do poder. Eles resistem e

reivindicam seu espaço político ao afirmarem suas identidades de gênero e ao lutarem por seus direitos. Ao se tornarem visíveis e desafiarem as normas de gênero, esses corpos se tornam corpos políticos, que contestam e desestabilizam a ordem estabelecida, reivindicando o direito à existência e à autodeterminação.

Portanto, compreender o corpo travesti de Dandara como um corpo político é reconhecer a agência e a resistência desses indivíduos frente às estruturas de poder. Essa perspectiva permite uma análise mais complexa das dinâmicas sociais, evidenciando a necessidade de transformação das normas de gênero e a promoção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

A heteronormatividade, como sistema de normas e valores que privilegia a heterossexualidade como a única forma de orientação sexual legítima, contribui para a marginalização e violência enfrentada por pessoas que desafiam as normas de gênero. No caso de Dandara, uma travesti brutalmente assassinada em Fortaleza, a heteronormatividade desempenhou um papel significativo na violência que ela sofreu e que resultou em sua morte.

A construção social da masculinidade no contexto patriarcal reforça ideais de masculinidade hegemônica, associando-a à força, violência e controle. Corpos transgressores, como o de Dandara, desafiam essa noção de masculinidade, questionando a estrutura de poder patriarcal. Essa ameaça à ordem estabelecida pode levar a reações violentas por parte daqueles que se sentem desafiados em sua masculinidade e poder.

A biografia de Dandara evidencia como a combinação da heteronormatividade e do patriarcado contribui para a perpetuação de conflitos de gênero e a violência direcionada a corpos transgressores. Sua morte, caracterizada por requintes de frieza, demonstra a crueldade e desumanização aos quais indivíduos que desafiam as normas de gênero são submetidos.

A marginalização social e o estigma associados às identidades de gênero não normativas criam um ambiente propício para a violência. A falta de proteção e o preconceito estrutural em relação a corpos travestis resultam em altos índices de violência, abuso e assassinatos. A sociedade, em sua maioria, falha em reconhecer a humanidade e a dignidade desses indivíduos, negando-lhes o direito fundamental à vida.

Nesse contexto, a falta de políticas públicas efetivas de combate à transfobia e a impunidade em relação aos crimes de ódio baseados em gênero perpetuam a violência e a marginalização. A heteronormatividade e o patriarcado, como estruturas de poder, perpetuam a invisibilidade e a exclusão de corpos dissidentes, tornando-os mais vulneráveis à violência e à discriminação.

É importante destacar que a morte de Dandara não é um caso isolado. Infelizmente, casos semelhantes ocorrem em diferentes partes do mundo, refletindo a necessidade urgente de uma conscientização e ação coletiva para combater o sistema opressivo que subjuga corpos transgressores. A luta contra a heteronormatividade e o patriarcado requer uma transformação social mais ampla, que promova a igualdade de gênero, a inclusão e o respeito à diversidade de identidades de gênero.

Ao reconhecer o corpo travesti como um corpo político, compreendemos que a violência e a exclusão que eles enfrentam são manifestações diretas das estruturas de poder presentes na sociedade.

Ao analisar a interseção entre as teorias de Foucault e Butler, poderemos examinar de maneira mais aprofundada como as estruturas de poder, como a heteronormatividade e o patriarcado, contribuem para os conflitos de gênero enfrentados por travestis. Isso nos permitirá compreender como um corpo travesti não é apenas um corpo individual, mas também um corpo político que desafia as normas estabelecidas e busca reivindicar sua agência e direito à existência.

Dandara, como um corpo travesti, exemplifica de forma contundente como um corpo individual transcende sua singularidade e se torna um corpo político. Ao desafiar as normas estabelecidas de gênero, Dandara assumiu uma posição política, questionando e contestando a estrutura social heteronormativa e patriarcal. Dandara desafiou diretamente as normas binárias e sua existência, visibilidade e resistência à opressão de gênero tornaram-se atos políticos em si mesmos.

Ao entender Dandara como um corpo político, reconhecemos que sua luta e sua história são coletivas. Ela representa muitos outros corpos que enfrentam diariamente a violência e a marginalização baseadas em identidades de gênero não normativas.

Assim, Dandara, por meio de sua resistência e sua trágica morte, nos ensina que corpos travestis são mais do que simples indivíduos, são agentes políticos que lutam por justiça, igualdade e o direito fundamental à existência plena em uma sociedade que ainda tem muito a avançar em termos de respeito e aceitação das diferenças de gênero.

2.5 Biografia e biografada

Em uma biografia, é comum que o autor exerça alguma forma de interferência na narrativa, pois ele é responsável por selecionar, interpretar e apresentar os eventos da vida do indivíduo retratado. Essa interferência pode ocorrer de várias maneiras:

1. Seleção de informações: O autor da biografia decide quais aspectos da vida do indivíduo serão incluídos na narrativa e quais serão deixados de lado. Essa seleção pode ser influenciada pelas próprias perspectivas, interesses e intenções do autor.

2. Interpretação dos eventos: O autor da biografia interpreta os eventos e as ações do indivíduo retratado. Essas interpretações podem ser influenciadas pela visão de mundo, pelas teorias ou pelas crenças do autor, o que pode moldar a maneira como os eventos são apresentados e compreendidos.

3. Construção da narrativa: O autor tem a liberdade de organizar os eventos de maneira a criar uma narrativa coesa e cativante. Isso envolve a estruturação dos capítulos, a escolha da ordem cronológica dos eventos, a criação de tensão narrativa e a definição de pontos de destaque na vida do indivíduo retratado.

4. Perspectiva e viés: O autor pode ter uma perspectiva particular sobre o indivíduo retratado, o que pode influenciar a maneira como ele é apresentado. Isso pode incluir uma inclinação positiva ou negativa em relação ao personagem, o que pode afetar a objetividade da narrativa.

No caso específico da biografia de Dandara escrita por Vitória Holanda, é importante reconhecer que, como autora, ela terá sua própria visão e interpretação dos eventos relacionados à vida e morte de Dandara. Como qualquer outro autor de biografia, ela pode fazer escolhas de seleção, interpretação e construção narrativa que reflitam sua perspectiva e propósito na escrita da obra.

É sempre recomendado que os leitores de biografias tenham uma abordagem crítica e estejam cientes da possibilidade de interferência do autor na narrativa. Ao ler uma biografia, é interessante buscar informações adicionais, considerar diferentes pontos de vista e contextualizar os eventos dentro do contexto histórico, social e cultural em que ocorreram. Isso permite uma compreensão mais completa e informada da vida e morte da pessoa retratada.

O ponto 1; seleção de informações, refere-se à seleção de informações na escrita de uma biografia, onde o autor decide quais aspectos da vida do indivíduo serão incluídos na narrativa

e quais serão deixados de lado. Essa seleção pode ser influenciada pelas perspectivas, interesses e intenções do autor.

Ao escrever uma biografia de Dandara, Holanda (2019) faz escolhas sobre quais eventos, experiências e características da vida de Dandara serão retratados. Essas escolhas podem ser influenciadas por diversos fatores, como a relevância dos eventos para a trajetória da pessoa retratada, a disponibilidade e confiabilidade das fontes, o interesse do público-alvo da biografia, entre outros.

Um exemplo de como a seleção de informações pode ocorrer em uma biografia é evidenciado no trabalho de Richard Holmes, um renomado biógrafo britânico. Em sua obra *The age of wonder: how the romantic generation discovered the beauty and terror of science* (2008), Holmes se concentra em retratar a vida de importantes cientistas e exploradores do período romântico. No entanto, ele seleciona os eventos e as descobertas que melhor se encaixam no tema central do livro: a exploração da relação entre ciência e poesia durante aquela época. Dessa forma, Holmes faz uma seleção criteriosa de informações que sejam mais relevantes para a tese que ele deseja desenvolver.

Portanto, a seleção de informações em uma biografia é um processo pelo qual o autor decide quais elementos serão incluídos na narrativa, com base em seus interesses e objetivos na escrita da obra. É importante que os leitores estejam cientes desse processo e adotem uma abordagem crítica ao analisar a biografia, considerando a possível influência dessas escolhas na forma como a vida do indivíduo é retratada.

O ponto 2 refere-se à interpretação dos eventos na escrita de uma biografia. Nesse aspecto, Holanda (2019) na biografia *O casulo Dandara* assume o papel de intérprete ao analisar e atribuir significado aos eventos e ações do indivíduo retratado. Essas interpretações podem ser influenciadas pela visão de mundo, teorias ou crenças da autora, moldando assim a maneira como os eventos são apresentados e compreendidos na narrativa biográfica.

No caso de Dandara, é importante ressaltamos que Holanda (2019) é sensível à complexidade de sua vida e morte, bem como às questões de gênero, identidade e violência que permeiam sua história. Ao interpretar os eventos relacionados à vida de Dandara, Holanda destaca aspectos como sua infância, relações familiares, identidade de gênero, os desafios enfrentados em uma sociedade marcada pela transfobia e a violência que culminou em sua morte.

A interpretação de Holanda (2019) sobre os eventos apresenta-se além da mera descrição dos acontecimentos, buscando também compreender e contextualizar as experiências

de Dandara em relação às estruturas sociais e políticas que afetam a vida das pessoas travestis. Holanda não recorre às teorias feministas e queer, como as de Judith Butler, para analisar o impacto do sistema de gênero e da violência de gênero na vida de Dandara, porém Cavichioli (2021) faz uma análise se utilizando dessas, mas é Holanda, ao abordar a interpretação dos eventos na biografia de Dandara, que se aprofunda nas experiências vivenciadas por ela, explorando as dinâmicas de poder e opressão presentes em sua vida e morte. É fundamental salientar essa diferença entre os dois autores, Holanda e Cavichioli. A interpretação de Holanda, por ser uma biografia, é mais sensível, respeitosa e informada, levando em consideração o contexto social e, por outro lado, Cavichioli considera o fator cultural e político em que Dandara estava inserida.

Portanto, ao escrever uma biografia de Dandara, Holanda estava ciente da importância de interpretar os eventos de sua vida de forma a compreender as complexidades de sua experiência como uma pessoa travesti e as interseções de gênero, identidade e violência. Essa interpretação pode ser enriquecida com a utilização de teorias e perspectivas críticas que abordam as questões de gênero e sexualidade, contribuindo para uma compreensão mais profunda de sua história e significado.

O ponto 3, refere-se à construção da narrativa na escrita de uma biografia. Nesse aspecto, Holanda teve a responsabilidade de organizar os eventos da vida de Dandara retratado de maneira a criar uma narrativa coerente e significativa. Isso envolve a estruturação dos capítulos, a escolha da ordem cronológica dos eventos, a criação de tensão narrativa e a definição de pontos de destaque na vida de Dandara.

É importante destacar que a autora da biografia de Dandara, Vitória Holanda, compartilhou uma relação pessoal com Dandara desde a infância até o dia de seu trágico assassinato, pois eram amigas de infância. Essa conexão íntima pode ter moldado a maneira como Holanda estruturou a narrativa e escolheu os eventos para incluir na biografia. Ao ter uma relação próxima com o sujeito biografado, Holanda teve uma compreensão mais profunda de sua vida, personalidade e trajetória. Essa familiaridade pôde contribuir para uma representação mais íntima e detalhada dos eventos e experiências de Dandara, permitindo que a narrativa abordasse nuances e aspectos importantes de sua vida. Philippe Lejeune (1971)³¹, aliás, forjou

³¹ Philippe Lejeune, nascido em 13 de agosto de 1938, é um professor e ensaísta francês conhecido como especialista em autobiografia I. Ele é autor de numerosos trabalhos sobre o tema da autobiografia e diários pessoais. Lejeune desenvolveu um trabalho em torno da expressão autobiográfica em suas variadas formas desde seu primeiro livro, "L'autobiographie en France" (1971)".

um conceito, o pacto autobiográfico: “Para que haja uma autobiografia, o autor deve fazer um pacto, um contrato com seus leitores, que lhes conte sobre sua vida em detalhes, e nada mais a vida dele”;

Philippe Lejeune desenvolve, desde seu primeiro livro, *L'autobiographie en France* (1971), um trabalho em torno da expressão (auto)biográfica em suas variadas formas. Para tanto, centrou-se num conceito: o “pacto autobiográfico” – marca textual a partir da qual o leitor reconhece o engajamento do autor a relatar sua vida: a coincidência dos nomes de autor, narrador e personagem; títulos e subtítulos como “minha vida”, “autobiografia”, “memórias”; indicações paratextuais diretas, em prefácio ou contracapa por exemplo. O pacto é uma declaração do autor que permitiria ao leitor fazer a distinção entre uma narrativa ficcional e um relato de vida. (LEJEUNE, 1971, p. 21)

Além disso, a vivência pessoal de Holanda com Dandara também influenciou a forma como ela organiza a narrativa e dá ênfase a certos momentos e aspectos da vida de Dandara. Ela destacou eventos significativos e relacioná-los a experiências compartilhadas, proporcionando uma perspectiva única e pessoal sobre a trajetória de Dandara.

No entanto, é importante ressaltar que, mesmo com a proximidade entre a autora e o sujeito da biografia, Holanda e Dandara, é necessário manter uma abordagem crítica e objetiva ao construir a narrativa. Holanda buscou equilibrar sua conexão pessoal com a necessidade de fornecer uma visão abrangente e imparcial da vida de Dandara, levando em consideração outras fontes e perspectivas relevantes.

Assim, a vivência pessoal de Vitória Holanda com Dandara desde a infância até o dia de seu assassinato pode ter desempenhado um papel significativo na construção da narrativa biográfica, permitindo que Holanda explore eventos e experiências de forma mais detalhada e íntima buscando uma abordagem crítica e objetiva para apresentar uma visão completa da vida de Dandara, levando em consideração a diversidade de perspectivas e fontes disponíveis já que ela faz parte da maior parte desses eventos.

O ponto 4 aborda a questão da parcialidade na escrita de uma biografia, especialmente quando o autor possui uma relação afetiva ou de amizade com o sujeito biografado. Essa relação próxima pode influenciar a objetividade e imparcialidade do autor na apresentação dos eventos e na análise dos fatos relacionados à vida do indivíduo retratado.

No caso de Vitória Holanda, que além de biógrafa é delegada do caso de Dandara, é importante reconhecer que sua relação afetiva e de amizade com Dandara pode ter impacto na forma como ela escreve a biografia e investiga o caso de seu assassinato. A proximidade

emocional com Dandara pode gerar um sentimento de defesa e proteção em relação à sua imagem e história.

Essa parcialidade afetiva pode se refletir tanto na seleção de informações quanto na interpretação dos eventos relacionados à vida de Dandara. A autora pode ser influenciada pela sua empatia e envolvimento emocional, o que pode levar a uma representação mais positiva ou idealizada de Dandara e de suas ações, assim como uma interpretação tendenciosa dos eventos que levaram à sua morte.

No entanto, é importante destacar que a parcialidade é um desafio comum na escrita biográfica, e a relação afetiva entre o autor e o sujeito da biografia pode ser apenas um dos fatores que contribuem para essa parcialidade. Outros fatores, como a perspectiva ideológica, as crenças pessoais e as intenções do autor, também podem influenciar a forma como a biografia é escrita.

Nesse contexto, é essencial que o autor seja transparente sobre sua relação com o sujeito biografado e esteja ciente dos possíveis vieses e parcialidades que podem surgir dessa relação. A adoção de uma abordagem crítica e o uso de diversas fontes e perspectivas podem ajudar a mitigar a parcialidade e a promover uma representação mais abrangente e equilibrada da vida de Dandara.

No caso específico de Vitória Holanda, ela buscou manter a imparcialidade e a objetividade necessárias tanto em sua função de delegada, investigando o caso de forma justa e imparcial, quanto em sua função de biógrafa, retratando a vida de Dandara de maneira abrangente e precisa, levando em consideração não apenas sua relação afetiva, mas também outras perspectivas e informações relevantes.

3. Sontag: arquivo de um assassinato

(Análise sobre a proliferação de imagens de sofrimento alheio)

A obra de Sontag, *Diante da dor dos outros* (2003), nos convida a refletir sobre o papel das imagens na construção da empatia e da compaixão. Ela nos alerta para a possibilidade de nos tornarmos insensíveis diante do excesso de imagens de sofrimento, como se estivéssemos desenvolvendo uma espécie de "fadiga da compaixão". Essa fadiga, por sua vez, pode levar à apatia e à inação diante das injustiças e desigualdades presentes no mundo.

No entanto, é importante ressaltar que não se trata de negar a importância de denunciar injustiças e dar voz aos oprimidos. A conscientização e a mobilização são fundamentais para a transformação social. O ponto central está na forma como lidamos com as imagens de dor. Precisamos cultivar uma abordagem sensível, ética e respeitosa ao compartilhar e consumir essas representações visuais.

É crucial que os indivíduos estejam cientes do impacto que a exposição excessiva a imagens de sofrimento pode ter em sua própria saúde mental e emocional. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que aqueles que são retratados nas imagens possuem histórias complexas e profundas, que não podem ser reduzidas a meras narrativas de dor.

A violência brutal e o assassinato da travesti Dandara, infelizmente, são exemplos trágicos da dor e do sofrimento que muitos indivíduos enfrentam diariamente. Esses eventos nos confrontam com a questão de como lidamos com a representação do sofrimento alheio, especialmente quando se trata de atos de violência extrema.

Ao analisarmos o motivo dos assassinos de Dandara filmarem todo o seu assassinato, é possível fazer uma conexão com as reflexões de Susan Sontag³² em *Diante da dor dos outros* (2003). Sontag nos alerta sobre a possibilidade de transformar a dor e a violência em espetáculo, uma vez que a exposição dessas imagens pode gerar uma espécie de fascínio mórbido em certas pessoas.

No início, dois vídeos, cada um com cerca de um minuto e meio (1min:30seg) de duração, foram amplamente divulgados através de aplicativos de mensagens na mesma época em que o linchamento ocorreu. O incidente de linchamento teve lugar em 15 de fevereiro de 2017, na localidade conhecida como Conjunto Palmares³³, situada no bairro Bom Jardim e próxima ao Conjunto Ceará, onde a vítima residia. (BILITÁRIO; FREIRE, 2020, p. 15)

A teoria da Sontag pode ajudar a entender que, ao filmar e compartilhar um ato tão horrendo de violência, os assassinos de Dandara podem ter buscado não apenas infligir dor física e emocional à vítima, mas também obter uma sensação de poder e controle ao expor sua

³² Susan Sontag, em seu livro *Diante da dor dos outros* (2003), discute a influência das imagens de sofrimento na vida cotidiana. Sontag analisa a iconografia da dor desde as pinturas de Goya, passando pela Segunda Guerra Mundial e pelo Vietnã, até chegar às imagens do 11 de setembro de 2001. Ela explora como essas imagens podem inspirar discórdia, fomentar a violência ou criar apatia, e argumenta que a relevância dessas imagens depende, em última instância, da maneira com que nós, espectadores, as encaramos.

³³ Assim, ocorre uma notável interseção de símbolos, uma vez que Dandara de Palmares emergiu como um ícone da batalha das mulheres, especialmente das mulheres negras. Enquanto isso, Dandara Kathryn, cuja vida foi ceifada no Conjunto Palmares em Fortaleza (CE), igualmente ascende como um emblema da luta pela plena garantia dos direitos humanos das pessoas travestis e transexuais em todo o território nacional.

ação de forma ampla. Essa exposição, infelizmente, pode atrair a atenção de espectadores insensíveis e contribuir para a disseminação de imagens de violência, alimentando um ciclo de indiferença e banalização do sofrimento humano.

No vídeo ao qual tivemos acesso, mostra-se Dandara seminua, já ensanguentada, sentada no chão no meio da rua, ao lado de uma pedra grande manchada pelo seu sangue, com a blusa na mão, tentando enxugar o sangue que não para de jorrar de um ferimento em sua testa, entre as sobrancelhas. Neste momento, e durante toda a execução, não aparece ninguém para ajudá-la; ao contrário, na gravação, ouvem-se vozes ao fundo que gritavam insultos, "vai, viado!" [sic]; "tem que morrer", "a munição tá de calcinha e tudo" [sic] (...). A pessoa que filmava disse que aquela surra "foi em lugar de ter matado", como se fosse algo menos danoso, o linchamento do que a morte, não sabendo ele, naquele momento, que o desfecho seria exatamente este, a morte da vítima. (BILITÁRIO E FREIRE, 2020, p. 17)

Além disso, outras teorias psicológicas podem ser aplicadas para entender o comportamento dos assassinos e sua decisão de filmar o assassinato. A busca por notoriedade e reconhecimento social, mesmo que negativo, pode ter sido um fator motivador. Através da divulgação das imagens, eles poderiam adquirir uma reputação de crueldade e despertar medo em outras pessoas, reforçando sua identidade baseada na violência e no poder.

Em seguida, em outro trecho do vídeo, aparecem seis (6) rapazes, que continuam a agredi-la, desta vez com pauladas, socos e chutes, enquanto outra pessoa trazia um carrinho de mão - este foi reconhecido posteriormente como Rafael, que no momento das agressões capinava, para ganho, um terreno nas proximidades. (SISNANDO, 2017) do Jornal O Povo. Dandara começa então a receber chineladas no rosto, desferidas por um rapaz de boné, aparentemente um dos menores do grupo, que lhe dá ordens de subir no carrinho. (BILITÁRIO; FREIRE, 2020, p. 17)

Esses comportamentos perturbadores e desumanizantes evidenciam a necessidade de refletirmos sobre a ética da representação do sofrimento alheio. Sontag (2003) nos lembra que a exposição desmedida dessas imagens pode desrespeitar a dignidade das vítimas e perpetuar uma cultura de violência e desumanização.

Nesse contexto, é importante que a sociedade como um todo assuma a responsabilidade de repudiar e combater a violência, a discriminação e a intolerância. Devemos nos esforçar para promover uma cultura de respeito, empatia e compaixão, não apenas no combate aos crimes de ódio, mas também na forma como consumimos e compartilhamos informações e imagens relacionadas ao sofrimento alheio.

A tragédia do assassinato de Dandara e a filmagem desse ato hediondo nos desafiam a refletir sobre o papel que cada um de nós desempenha na construção de uma sociedade mais justa e humanitária. É necessário que busquemos a conscientização, a educação e a mudança de atitudes para enfrentar a violência e garantir que todos os indivíduos possam viver com dignidade e segurança, livres do medo e da opressão.

(...) o homem que grava a cena decreta o fim, dizendo "os caras vão matar o viado" [sic]. O vídeo acaba neste ponto. Em entrevista, novamente ao G1 (2017), o delegado de polícia André Costa relata como se deu o desfecho daquele cruel ritual: "Depois das agressões, levaram [Dandara] até outro local, próximo de onde foram feitas aquelas imagens. Como é visto nas imagens, ela foi brutalmente e covardemente assassinada através de um disparo de arma de fogo", afirmou o delegado após o laudo da perícia. (BILITÁRIO; FREIRE, 2020, p. 17)

O comportamento dos assassinos que decidiram filmar o assassinato de Dandara e, posteriormente, torturá-la e desrespeitar seu corpo revela uma complexidade psicológica profundamente perturbadora. Para compreendermos melhor esse comportamento, podemos recorrer a algumas teorias psicológicas que exploram a estrutura de poder e a identidade baseada na violência e no poder.

Uma das teorias que podemos considerar é a teoria da personalidade antissocial. De acordo com Zimmerman (2021) essa teoria, indivíduos com traços de personalidade antissocial demonstram uma falta de empatia, ausência de remorso e uma tendência a buscar sensações fortes e poder sobre os outros. Esses indivíduos tendem a encontrar prazer em infligir dor e sofrimento nos outros, utilizando a violência como uma forma de afirmação de sua própria identidade e poder.

Além disso, a teoria da desumanização pode ser aplicada para entender a forma como os assassinos de Dandara trataram sua vítima. A desumanização é um processo pelo qual um grupo ou indivíduo é negado o status de ser humano, sendo tratado como objeto, animal ou coisa descartável. Nesse sentido, ao torturar e humilhar Dandara, os assassinos podem ter buscado reforçar sua própria identidade baseada na violência e no poder, ao mesmo tempo em que negavam sua humanidade e dignidade.

(...) onde tudo aconteceu lentamente, não havia pressa; cerimonialmente, os golpes e insultos eram desferidos contra a vítima indefesa, muda, que em poucos momentos teve voz apenas para pedir clemência. Chama a atenção que ao longo de todo o vídeo os linchadores riam, faziam jocosidades, não aparentando raiva, ou estarem tomados por forte emoção, o que seria a reação esperada ao punir um inimigo, um criminoso,

cuja a ofensa seria tão grande ao ponto de receber essa horrível pena. (BILITÁRIO E FREIRE, 2020, p. 18)

Outra teoria relevante é a teoria da subcultura da violência. Essa teoria sugere que, em certos contextos sociais, existe a formação de subculturas que glorificam e valorizam a violência como uma forma de afirmação de poder e respeito. No caso do crime de ódio contra Dandara, a motivação transfóbica pode estar relacionada a uma subcultura de ódio e intolerância, em que os assassinos encontraram apoio e validação para seus atos violentos.

Desenvolvida por Wolfgang e Ferracuti (1967), esta teoria defende a existência de uma subcultura da violência, que faz com que alguns grupos passem a aceitar a violência como um modo normal de resolver os conflitos sociais. Mais que isso, sustenta que algumas subculturas, na verdade, valorizam a violência, e, assim como a sociedade dominante impõe sanções àqueles que deixam de cumprir as leis, a subcultura violenta pune com o ostracismo, o desdém ou a indiferença os indivíduos que não se adaptam aos padrões do grupo. (SANTOS, 2014)³⁴

No entanto, é importante ressaltar que, apesar de essas teorias fornecerem algumas perspectivas para entender o comportamento dos assassinos, cada caso é único e complexo. O envolvimento de questões de ódio e intolerância torna esse crime ainda mais alarmante e repugnante, revelando uma estrutura de poder que marginaliza e desumaniza grupos específicos.

Essa estrutura de poder baseada em preconceitos e discriminação reforça uma identidade fundamentada na violência e no poder dos agressores. Ao submeter Dandara a uma série de atos cruéis e humilhantes, os assassinos buscaram exercer um poder absoluto sobre ela e enviar uma mensagem de terror e opressão para a comunidade LGBTQIAPN+.

A teoria da personalidade antissocial, mencionada anteriormente, pode fornecer *insights* sobre como a figura de Dandara, a travesti vítima de um crime de ódio, se enquadra nesse contexto.

É importante ressaltar que a teoria da personalidade antissocial não busca estigmatizar ou generalizar indivíduos que pertencem a grupos específicos, como as pessoas LGBTQIAPN+. No entanto, ao examinarmos a motivação e o comportamento dos assassinos de Dandara, é possível estabelecer conexões com os traços da personalidade antissocial.

³⁴ SANTOS, Edmilson. Teoria da subcultura delinquente. 11 nov. 2014. Disponível em : <https://x.gd/eH3I5>. Acesso em: 10 nov. 2023.

A Personalidade antissocial é caracterizada por uma série de traços e comportamentos, como a falta de empatia, a ausência de remorso, a tendência a buscar sensações fortes e o desejo de exercer poder sobre os outros. Esses traços podem ser observados em indivíduos que cometem atos violentos e desumanizantes.

No caso de Dandara, os assassinos demonstraram uma total falta de empatia e respeito por sua vida e dignidade. Ao torturá-la e desrespeitar seu corpo, eles exibiram um comportamento que reflete a ausência de consideração pelos sentimentos e bem-estar alheios, características associadas à personalidade antissocial.

Além disso, a busca por sensações fortes e poder pode ser identificada na forma como os assassinos filmaram todo o processo do crime e realizaram atos de extrema crueldade. Ao capturar a cena e compartilhá-la, eles buscaram reafirmar sua identidade baseada na violência e no poder, buscando sensações de controle e satisfação pessoal.

No entanto, é importante enfatizar que, apesar de certos comportamentos dos assassinos de Dandara apresentarem traços associados à personalidade antissocial, não podemos generalizar essa condição para toda a população envolvida no crime. Cada indivíduo é único e complexo, e é necessário avaliar os fatores sociais, psicológicos e ambientais que podem influenciar o comportamento de cada pessoa envolvida.

A teoria da desumanização pode ser aplicada para compreender o assassinato brutal da travesti Dandara e os atos de crueldade que a acompanharam. A desumanização é um processo pelo qual um indivíduo ou grupo é negado o status de ser humano, sendo tratado como objeto, animal ou coisa descartável.

A transgressão, pecado ou ato ilícito de Dandara consistia no fato de ser uma pessoa travesti, algo que a mentalidade conservadora brasileira considerava inaceitável, uma vez que o sexismo e a transfobia são os elementos mais evidentes desse pensamento retrógrado. Dandara foi categorizada como menos que humana, desprovida de sua humanidade, e essa era a finalidade dos insultos como "bicha" e "viado" [sic], utilizados para atribuir-lhe uma outra classificação, algo não-humano, abjeto e desprezível, como uma "mundiça" [sic], essa imundície que precisava ser expulsa de casa, do bairro e da convivência com aqueles considerados humanos "normais" (BILITÁRIO; FREIRE, 2020).

No caso de Dandara, os assassinos claramente a desumanizaram ao submetê-la a uma tortura extrema e ao desrespeitar seu corpo de forma desumana. Ao fazer isso, os agressores negaram a sua humanidade, reduzindo-a a um objeto de sua violência.

A desumanização ocorre quando um indivíduo é tratado como algo inferior, sem valor ou consideração. Nesse contexto, os assassinos de Dandara não apenas a mataram, mas também a torturaram e a colocaram em um carrinho de mão, mostrando uma completa falta de respeito por sua dignidade e direitos fundamentais.

Ao desumanizar Dandara, os assassinos buscaram afirmar seu poder e superioridade sobre ela, perpetuando uma estrutura de opressão e desigualdade. A desumanização também pode servir como uma forma de justificação, permitindo que os agressores se distanciem emocionalmente de suas ações e justifiquem sua crueldade.

No entanto, é importante lembrar que a desumanização não é uma condição inerente à vítima, mas sim uma construção social que surge de preconceitos e estereótipos negativos. A desumanização de Dandara reflete uma sociedade que marginaliza e oprime pessoas travestis, alimentada por preconceitos e intolerância.

A teoria da subcultura da violência pode ser aplicada para analisar o assassinato da travesti Dandara e sua conexão com um crime de ódio baseado na intolerância e na discriminação. Essa teoria sugere que, em certos contextos sociais, podem se formar subculturas que glorificam e valorizam a violência como uma forma de afirmação de poder e respeito.

No caso de Dandara, o crime de ódio cometido contra ela revela a existência de uma subcultura de ódio e intolerância em relação às pessoas LGBTQIAPN+. Essa subcultura pode estar enraizada em preconceitos, estereótipos e normas sociais que marginalizam e desumanizam pessoas transgênero.

Os assassinos de Dandara, ao decidirem não apenas matá-la, mas também torturá-la e humilhá-la, demonstraram uma busca por afirmação de poder e uma tentativa de reforçar sua identidade dentro dessa subcultura. Ao infligir dor e sofrimento à vítima, eles buscaram ganhar respeito e reconhecimento dentro de um contexto que valoriza a violência como uma forma de exercer controle e poder sobre outros grupos.

A subcultura da violência pode criar um ambiente propício para a manifestação de comportamentos agressivos e violentos, onde indivíduos encontram apoio e validação para seus atos cruéis. Nesse caso, a motivação transfóbica do crime contra Dandara pode ter sido reforçada por essa subcultura de ódio, que alimenta a discriminação e a violência contra pessoas queers.

Como se, com este ato de violência transfóbica e misógina, seus praticantes pretendessem se afirmar como mais machos e eliminar a possibilidade de existência de um ser que vive sua sexualidade de uma forma não permitida a eles, ou seja, a

travesti, que, apenas por existir, representa uma ameaça à masculinidade frágil e decadente de seus agressores. Portanto, Dandara era, para aquele grupo de assassinos, o elemento novo e desviante da moral comum. (BILITÁRIO; FREIRE, 2020. p.18).

É importante ressaltar que a existência de uma subcultura da violência não justifica ou desculpa de forma alguma o crime cometido contra Dandara. No entanto, ao considerarmos a teoria da subcultura da violência, podemos compreender como esses comportamentos e atitudes podem se manifestar dentro de um contexto social específico.

3.1 Quando a vida é passível de luto? (Está vivo, mas não é uma vida)

No contexto contemporâneo, em que a violência e as guerras são retratadas de maneira explícita e facilmente acessível, surge a indagação sobre as razões que nos levam a nos sensibilizar diante de determinadas mortes trágicas enquanto ignoramos outras. Nesse sentido, a obra intitulada Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? (2020), de Judith Butler, cuja tradução para o português foi publicada no Brasil em 2015, traz à tona essa questão de forma contundente. O livro consiste em um esforço teórico que engloba cinco ensaios, cujo propósito é compreender os conflitos contemporâneos.

Nesse novo contexto, a autora se dedica a analisar certas formas de percepção que moldam a concepção de algumas vidas como vidas humanas, desencadeando, assim, processos de luto e aflição. No entanto, é importante ressaltar que nem todas as vidas são apreendidas dessa maneira, resultando em uma falta de comoção diante dessas vidas que são subsumidas dentro desses quadros de guerra.

Se certas vidas não são qualificadas como vidas ou se, desde o começo, não são concebíveis como vidas de acordo com certos enquadramentos epistemológicos, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras. (BUTLER, 2020, p13)

Butler (2020) propõe que, se desejamos expandir as reivindicações sociais e políticas em relação aos direitos à proteção, ao exercício do direito à sobrevivência e à busca pela prosperidade, é fundamental construir uma nova ontologia corporal. Essa abordagem implica repensar conceitos como precariedade, vulnerabilidade, dor, independência, exposição,

substância corporal, desejo, trabalho, bem como as demandas relacionadas à linguagem e à noção de pertencimento corporal.

Segundo Butler, o corpo está intrinsecamente articulado às forças sociais e, nesse sentido, o desafio se apresenta como sendo ontológico. A questão fundamental levantada pela autora é: *O que é uma vida?* Essa indagação essencial nos leva a refletir sobre a natureza da existência e a maneira como ela é compreendida e valorizada. Conforme argumentado por Cavichioli (2021), essa pergunta revela-se como uma questão central para a compreensão dos desafios contemporâneos.

Ao colocar em xeque as noções tradicionais sobre o corpo e sua relação com as estruturas sociais, Butler nos incita a repensar os fundamentos de nossa compreensão da existência humana. Ao desestabilizar as concepções fixas e normativas, a autora nos desafia a considerar a diversidade e a complexidade das experiências corpóreas e a questionar os limites e as hierarquias que definem o que é considerado uma vida digna.

Nesse sentido, a proposta de Butler abre caminho para uma reflexão mais ampla e inclusiva sobre os direitos e as demandas de diferentes corpos, reconhecendo a interseccionalidade das identidades e das lutas políticas. Através desse enfoque ontológico, emerge a necessidade de criar estruturas sociais e políticas mais igualitárias e sensíveis às múltiplas formas de vulnerabilidade e resistência presentes em nossa sociedade. De acordo com Butler;

O “ser” da vida é ele mesmo constituído por meios seletivos; como resultado, não podemos fazer referência a esse “ser” fora das operações de poder e devemos tronar mais precisos os mecanismos específicos de poder mediante os quais a vida é produzida. (BUTLER, 2020, p. 14)

Dandara representava uma existência precarizada, relegada às margens da humanidade, despojada de acesso igualitário a bens materiais e imateriais. Sua trajetória era marcada pela periferia, pela pobreza, pelo envolvimento na prostituição, pelo convívio com o HIV e pela luta pela reivindicação de seu direito de ser reconhecida como mulher (CAVICHIOOLI, 2021)

A história de Dandara reflete a interseção de múltiplas formas de marginalização e opressão que permeiam nossa sociedade. Ela enfrentava, como relatado por Holanda (2019), diariamente a violência estrutural e simbólica imposta pela conjunção de sua identidade de gênero, sua situação socioeconômica e sua condição de saúde. Sua experiência personifica a vulnerabilidade e a resistência presentes nas vidas das pessoas travestis, que são frequentemente alvos de discriminação, violência e exclusão social, sobre, em sua biografia, Holanda escreveu;

Dandara mantinha seu bazar como fonte de renda, mas o dinheiro era tão pouco que não dava para ela se manter. Muitas vezes pedia um real as pessoas que eram mais próximas. O dinheiro sempre servia para ela comprar seu cigarro, pois nunca havia largado o vício. (HOLANDA, 2019, p. 184)

Ao analisarmos o casulo Dandara, somos confrontados com a dura realidade de como as estruturas sociais e as normas de gênero podem operar como instrumentos de opressão, privando indivíduos de sua dignidade, direitos básicos e oportunidades de vida digna. Sua existência nos convoca a refletir sobre as implicações profundas da marginalização social, econômica e cultural na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva (CAVICHIOI, 2020).

É preciso reconhecer que a precariedade da vida de Dandara não foi apenas uma consequência de suas circunstâncias individuais, mas sim resultado de sistemas de opressão arraigados em nossa sociedade.

A violência perpetrada contra ela é um reflexo da transfobia, da misoginia e do racismo estruturais que permeiam as relações sociais, reforçando a exclusão e a marginalização de grupos vulneráveis, Cavichioli (2021) descreve que o processo de morte de Dandara se inicia bem antes do assassinato, aos 18 anos, na maior idade, quando imagina poder ser quem deseja no processo de travestilidade;

Ao recusar a cisheteronormatividade, no momento que reivindica ser mulher, torna-se alvo do "cistema"³⁵. Desafia o binarismo hierárquico e a naturalização das sexualidades. Contesta a pré-discursividade que molda os corpos segundo regras rígidas de inteligibilidades e masculinidades. Rejeita uma identidade, denunciando sua ficcionalidade. Demonstra os limites discursivos. Embaralha. Borra as fronteiras intermitentes entre corpos. (CAVICHIOI. 2021. p. 184)

Butler apresenta que o reconhecimento de uma vida como vida em si, somente é possível quando essa é parcialmente dependente das normas que a caracterizam como uma vida, ou seja, a maneira que estes seres são socialmente vistos, por conseguinte aceito, dependem mediante

³⁵ O termo "cistema" deriva da palavra "cisheteronormativo", que se refere a pessoas cuja identidade de gênero está alinhada com o sexo atribuído a elas no nascimento. A palavra "cisheteronormativo" é usada para contrastar com "transgênero", que se refere a pessoas cuja identidade de gênero não corresponde ao sexo atribuído a elas no nascimento. É importante lembrar que a linguagem está em constante evolução para refletir a compreensão em constante expansão das identidades de gênero e para promover a inclusão e o respeito. Portanto, o uso de termos como "cistema" pode ser uma forma de contribuir para essa evolução e para uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos (BUTLER, 2020).

Cavichioli (2021) descreve que Dandara não ostenta utilidade e entra no cálculo biopolítico ao não se sujeitar as disciplinas do corpo, que segundo ele se fazem úteis a engrenagem capitalista, tão pouco servirá a reprodução e continuidade da espécie, Assim;

Não produzirá material biológico de qualidade para a troca no organizado, controlado e vigiado mercado de corpos. Sua descartabilidade é decretada. A Higienização social entra em operação por uma série de exclusões de espaços de sobrevivência. Estará impossibilitada de acessar espaços de formação pessoal, hostilizada na escola, expulsa do mercado de trabalho formal, apenas a pista³⁶ a escolhe. (CAVICHIOI, 2021, p.185)

Butler (2022) faz duas ponderações extremamente relevantes sobre vida precarizada. A primeira, diz respeito à existência. No pensamento de Judith Butler, uma das perspectivas centrais é a ideia de que certos sujeitos não são prontamente reconhecidos como sujeitos, e algumas vidas são sistematicamente negligenciadas e nunca verdadeiramente reconhecidas como vidas (BUTLER, 2022, p.17). Esse conceito torna-se particularmente evidente ao examinarmos o caso de Dandara, cuja existência foi marcada por múltiplas formas de opressão e invisibilidade.

Dandara enfrentou uma série de desafios e barreiras ao longo de sua vida. Desde o início, sua identidade de gênero a colocou em uma posição de marginalização e negação de sua humanidade plena, sendo constantemente confrontada com a transfobia e a intolerância social, sendo alvo de preconceito, discriminação e violência.

A trajetória de Dandara é um exemplo contundente daquilo que Butler (2022) descreve como "sujeitos" que não são prontamente reconhecidos como sujeitos. Sua identidade de gênero, sua expressão e vivência como uma travesti não se encaixavam nas normas e expectativas socialmente estabelecidas. Essa falta de reconhecimento e validação acarretou uma série de consequências, privando Dandara de seus direitos, oportunidades e dignidade.

Além disso, Butler também nos alerta para o fato de que certas vidas são sistematicamente negligenciadas e raramente reconhecidas como vidas. Dandara, como uma pessoa marginalizada, pobre, preta e travesti, habitava os espaços periféricos da sociedade. Sua existência era constantemente desvalorizada e desconsiderada, negando-lhe o acesso igualitário

³⁶ Cavichioli refere-se à prostituição.

a recursos materiais e imateriais, bem como negando-lhe o reconhecimento e a proteção de sua humanidade.

No assassinato brutal de Dandara, torna-se evidente que a sociedade perpetua uma hierarquia de vidas, onde algumas são consideradas mais dignas e merecedoras de proteção do que outras. Essa hierarquia está intrinsecamente ligada a normas de gênero, orientação sexual, raça, classe social e outros aspectos que moldam nossa percepção e valoração das vidas humanas, isso nos leva à segunda ponderação suscitada por Butler;

A figura não reivindica um estatuto ontológico determinado, embora possa ser apreendido como “viva” nem sempre é reconhecida como uma vida. Na verdade, uma figura viva fora das normas da vida não somente se torna o problema com o qual a normatividade tem de lidar, mas parece ser aquilo que a normatividade está fadada a reproduzir: está vivo, mas não é uma vida. (BUTLER, 2022, p. 22)

Dandara, enquanto figura viva que desafia as normas estabelecidas, exemplifica a complexidade das percepções e reconhecimentos em relação à própria vida. Sua existência transcende a definição ontológica determinada, como citado por Butler (2022), tornando-se um exemplo de como uma vida fora das normas pode não ser prontamente reconhecida como tal.

Nesse contexto, a figura viva de Dandara se torna tanto o desafio que a normatividade enfrenta quanto aquilo que a normatividade parece inevitavelmente reproduzir: uma vida que está viva, mas não é reconhecida plenamente como uma vida.

3.2 Vida precarizada de Dandara

A análise do assassinato de Dandara e a discussão sobre a transfobia como motivo torpe têm uma relação profunda com o fenômeno mais amplo do extermínio de pessoas queers. Nesse contexto, as teorias de Judith Butler e Michel Foucault fornecem uma perspectiva crítica e esclarecedora sobre a construção das identidades de gênero e sexualidade, bem como sobre os mecanismos de poder e controle que operam em nossa sociedade.

Judith Butler, em sua obra *Gender trouble; feminism and the subversion of identity* (1990)³⁷, argumenta que a identidade de gênero não é uma essência fixa e predefinida, mas sim

³⁷ No Brasil foi publicado em 2003 com o título; Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.

um processo de constante construção e performatividade. Butler destaca como as normas de gênero são impostas e reguladas socialmente, restringindo e punindo aqueles que desafiam as convenções estabelecidas. A violência contra pessoas transexuais e queers, como evidenciada no caso de Dandara, é uma manifestação extrema desse controle social, na medida em que tenta reprimir e eliminar identidades que desafiam as normas cisgêneras e heteronormativas.

Essa perspectiva se conecta com a análise de Michel Foucault sobre o poder e suas tecnologias de controle. Em suas obras, a exemplo de *Vigiar e punir* (1975), ele discute como o poder opera por meio de instituições e práticas disciplinares, estabelecendo uma ordem social que define o que é considerado "normal" e marginalizando o que é percebido como "desviante". No caso das pessoas queers, a violência e o extermínio são mecanismos extremos de controle, buscando erradicar a existência de identidades e práticas que desafiam a ordem estabelecida.

A relação entre o assassinato de Dandara, o extermínio de pessoas queers e as teorias de Butler e Foucault reside na compreensão de que a violência direcionada a esses indivíduos está intrinsecamente ligada ao exercício do poder e ao reforço de normas sociais opressivas. A transfobia, a homofobia e outras formas de discriminação de gênero e sexualidade não são meros eventos isolados, mas sintomas de estruturas mais amplas de poder e controle. Holanda relata em seu livro uma passagem em que Dandara foi atraída e brutalmente espancada por quatro rapazes que se passaram por clientes;

O carro percorreu um trecho pela BR, entrou em uma estrada secundária. Os rapazes desceram Dandara do carro, puxando em seus cabelos e já começaram a espancá-la com muito ódio. Ela era espancada com chutes e socos. Ela caiu no chão e gritou alto por socorro, mesmo sabendo que não seria ouvida por ninguém. Eles perguntavam alto: “quer ser mulher, viado? Então aprende a apanhar, pois mulher apanha.” (HOLANDA, 2019, p.89)

Nesse sentido, é fundamental considerar a resistência e a luta contra essas estruturas de poder. Ao reconhecer a transfobia como motivo torpe, no caso de Dandara, abre-se espaço para questionar e desestabilizar as normas opressivas que marginalizam as pessoas dissidentes de gênero. É necessário fortalecer os movimentos sociais, promover a visibilidade e o respeito às identidades queers e enfrentar as estruturas de poder que perpetuam a violência e o extermínio.

Em conclusão, a análise do assassinato de Dandara e sua relação com o extermínio de pessoas queers encontra respaldo nas teorias de Judith Butler e Michel Foucault que nos alertam para a construção social das identidades de gênero e sexualidade, assim como para os mecanismos de poder que operam na repressão daqueles que desafiam as normas estabelecidas.

Compreender e combater a violência direcionada às pessoas queers requer uma abordagem crítica e uma luta coletiva.

Em *Vida precária* (2004), Butler e seus colaboradores exploram a noção de vulnerabilidade e a fragilidade das vidas humanas diante de estruturas políticas e sociais opressivas. A obra analisa como certos indivíduos são considerados descartáveis e privados de direitos, destacando a importância de reconhecer a igualdade de valor e a dignidade de todas as vidas. Conectamos as reflexões de Butler em *Vida precária* ao assassinato de Dandara, podemos compreender a violência sistemática e discriminatória enfrentada pela comunidade travesti. Dandara, assim como tantas outras pessoas queers, foi vítima de uma sociedade que perpetua a ideia de que algumas vidas são menos valiosas e mais vulneráveis.

O brutal assassinato ilustra como as pessoas que ousam desafiar os limites da sexualidade são submetidas a uma violência que é, ao mesmo tempo, física, simbólica e estrutural. A transfobia presente nesse ato demonstra como as normas de gênero são utilizadas para controlar e oprimir, relegando algumas vidas à margem da sociedade e tornando-as alvos de discriminação e violência. Em entrevista para Cavichioli, Holanda descreve Dandara, usando o pronome no masculino³⁸;

Ninguém queria ele, entendeu? As pessoas enxotavam ele. [...] Porque ele era um ser feio, né? Homossexual. Quando ele bebia, ele tinha a mania de tirar a roupa. Ele era uma pessoa sem maldade. Ele não, sabe? Você consegue enxergar uma pessoa inocente, sem maldade no coração? Era ele. (CAVICHIOI, 2021, p.136)

O conceito de vulnerabilidade abordado por Butler (2004) e seus coautores destaca a necessidade de reconhecer e combater as desigualdades e injustiças enfrentadas pelas pessoas travestis e por outras minorias. É fundamental promover uma cultura de respeito, inclusão e igualdade, que reconheça a dignidade inerente a todas as vidas e se oponha à violência e ao preconceito.

Além disso, a obra de Butler, *Vida precária* (2004), também ressalta a importância da solidariedade e da mobilização coletiva. A luta pelos direitos das pessoas fora do quadro (queer) e por uma sociedade mais justa e inclusiva requer a união de diferentes vozes e ações

³⁸ Neste contexto, é incerto o porquê de Holanda ter usado o pronome masculino 'Ele' para se referir a Dandara. Uma possível explicação poderia ser a presença da mãe de Dandara durante a entrevista, que também se referia a Dandara usando pronome masculino.

em prol da transformação social. Obviamente, não é um processo simplista e que ocorrerá repentinamente, mas de forma gradativa.

Portanto, ao refletir sobre o assassinato de Dandara e a violência enfrentada pelas pessoas transexuais, podemos recorrer aos *insights* fornecidos por Judith Butler em obras como *Vida precária* (2004). Essas reflexões nos convidam a reconhecer a vulnerabilidade dessas vidas, a combater as estruturas de poder opressivas e a trabalhar em prol de uma sociedade mais justa, onde todas as pessoas tenham o direito de viver dignamente, sem temer pela própria existência.

Em primeiro lugar, a violência física é evidente no caso de Dandara, que foi vítima de agressões brutais que resultaram em sua morte. Essa violência física é um reflexo direto da intolerância e do ódio direcionados à sua identidade de gênero. Através de atos violentos, as pessoas transexuais são submetidas a agressões cruéis e, em muitos casos, até mesmo à perda de suas vidas, como ocorreu. Cavichioli em seu livro *Dandara Kathryn*; a mulher do nome bonito, deu mais detalhes sobre as violências sofridas por Dandara;

Trabalhadora do sexo, convivia com HIV/AIDS, foi vítima de tráfico de pessoas, abusava do consumo de álcool, e nos momentos antecedentes à sua morte era “torta”, pois tinha dificuldade de locomoção, o que a impossibilitou no dia da execução, fugir do local. É possível perceber como o corpo de Dandara era socialmente percebido. Enxotada, aquela que ninguém mais queria.
(CAVICHIOI. 2021, p.136.)

Além da violência física, há também a violência simbólica. As pessoas travestis enfrentam estigmas e preconceitos enraizados na sociedade, que as marginalizam e desqualificam suas identidades. Essa violência simbólica se manifesta através de discursos de ódio, piadas de mau gosto e uma série de práticas que deslegitimam as experiências e identidades travestis. Através desses mecanismos, a sociedade reforça estereótipos negativos e contribui para a perpetuação do ciclo de violência contra as pessoas com identidades consideradas desviantes. Holanda relata em sua biografia outro momento de violência na vida de Dandara;

Dandara acreditou que aquela violência pararia ali. Começou a se levantar para ir embora, mas sem saber onde estava. De repente um dos homens olhou para o canto de uma parede e a viu uma vassoura no local. Este correu alegre, como quem acha um brinquedo, quebrou o cabo de vassoura e olhou para seus amigos, que entenderam o que iriam fazer a partir daquele momento. [...] estupraram individualmente com o cabo de vassoura, a humilharam, cuspiram na sua cara e

proferiram muitas palavras de ódio e desprezo; “viado imundo, tu merece morrer! Fica passando doenças para as pessoas por aí.” (HOLANDA, 2019, p. 90)

Por fim, a violência estrutural é outra dimensão presente nesse contexto. Ela se refere às estruturas sociais, políticas e econômicas que contribuem para a marginalização das pessoas travestis. A falta de acesso a serviços de saúde adequados, a discriminação no mercado de trabalho e a negação de direitos básicos são exemplos de como a violência estrutural afeta a vida das pessoas travestis. Essas barreiras sistêmicas impedem a plena participação e inclusão dessa comunidade na sociedade, deixando-as vulneráveis à violência e à exclusão.

Encontrou na venda de roupas usadas doadas, hoje guardadas como recordação na casa da mãe, a única possibilidade de sobrevivência após usos e abusos de sua energia sexual e vital, até o exaurimento, a descrição da amiga de Dandara [Holanda] demonstra o resultado de uma série de violências que se iniciam assim que desencadeado o processo de travestilidade. (CAVICHIOLO, 2021, p.137)

Diante dessa análise, fica evidente que a violência contra Dandara é multidimensional, envolvendo aspectos físicos, simbólicos e estruturais. Combater essa violência requer não apenas a punição dos responsáveis pelos crimes, mas também uma transformação profunda na sociedade. Somente por meio de esforços coletivos e de políticas efetivas que poderemos garantir a proteção e o pleno exercício dos direitos das pessoas travestis, construindo uma sociedade mais justa e inclusiva para todos.

Dandara foi uma vítima de um mundo que insiste em perpetuar vidas precárias, nas quais a vulnerabilidade é constantemente reforçada. Sua história trágica reflete a realidade de muitas pessoas travestis, cujas vidas são marcadas por um constante estado de fragilidade e incerteza. Segundo Holanda a morte de Dandara já havia sido decretada muito antes do extermínio do corpo;

Neste dia, sua desumanização apenas encontra o desfecho do extermínio do corpo, cuja morte em vida foi decretada pelas exclusões reveladas em uma série de circunstâncias desfavoráveis, frequentemente inter-relacionadas. Decorrem não apenas de menor disponibilidade de recursos econômicos, mas também sociais, culturais e legais para estar em sociedade. São exclusões econômica, laboral, formativa, sócio sanitária, urbano-territorial, relacional e política, ou de cidadania. (HOLANDA, 2019, p.137)

Como uma frágil borboleta em meio a ventos violentos, Dandara tentou voar, buscando a expressão plena de sua identidade. No entanto, foi brutalmente arrancada do ar, deixando para trás uma tristeza profunda e um vazio irreparável.

Quando vidas, como a de Dandara, são passíveis de luto, é um lembrete doloroso de que existem inúmeras existências precárias que são subjugadas pela violência, pela intolerância e pela discriminação. São vidas que deveriam ser celebradas, florescendo como belas flores em um jardim diverso, mas que são constantemente podadas e negadas o direito à plenitude e à felicidade.

No entanto, é necessário que a dor e a perda suscitem consigo a semente da transformação. Devemos lutar para criar um mundo no qual nenhuma vida seja tratada como descartável ou passível de luto, onde a diversidade seja valorizada e respeitada em sua plenitude.

Cabe a nós, enquanto sociedade, rejeitar as estruturas que perpetuam essa precariedade e trabalhar em direção a um futuro onde todas as vidas sejam verdadeiramente apreciadas e protegidas. Assim, poderemos cultivar um jardim de igualdade e justiça, onde as borboletas possam voar livremente, sem temer a violência que constantemente as ronda.

3.3 Biopoder e poder de Foucault em o casulo Dandara

Dandara, foi brutalmente assassinada, evidenciando a relação entre poder e a crueldade exercida sobre corpos marginalizados. Explorando os conceitos de soberania, disciplina e biopolítica, podemos compreender melhor essa dinâmica.

A necropolítica produz ativamente a desumanização das pessoas transexuais e travestis. A multidão das desafiantes das normas sexuais e de gênero compõem-se das vidas radicalmente precarizadas e desumanizadas, porque expulsas dos espaços de sociabilidade, relegadas ao desaparecimento, à rotina notívaga, a redução de seus corpos a satisfação do desejo ambivalente que não pode aparecer, pois revelaria o que é inconfessável nas molduras da cisgeneridade e heterossexualidade compulsória. (CAVICHIOLO. 2021, p.146)

Foucault (1978), em seu curso *Segurança, território, população*, discute o biopoder como um conjunto de mecanismos pelos quais características biológicas fundamentais dos seres humanos entram em estratégias políticas e de poder. Ele destaca como o corpo tornou-se

público, submetido a tecnologias políticas sofisticadas, e como a intervenção estatal se voltou para o cuidado do corpo e a promoção da saúde.

A noção de biopolítica, desenvolvida por Foucault nas conferências no Instituto de Medicina Social em 1974, argumenta que, com o avanço do capitalismo, a medicina passou a desempenhar um papel cada vez mais presente nos espaços públicos, ao invés de ser uma prática privada. O corpo se tornou alvo de políticas de saúde e bem-estar, e a sociedade passou a ser medicalizada.

Essa medicalização da sociedade, segundo Foucault (1978) tem suas origens em quatro acontecimentos históricos: a criação de uma medicina de Estado e de uma polícia médica, a implementação da medicina urbana para garantir uma população saudável, a transformação do hospital em instrumento terapêutico com mecanismos disciplinares e a associação da medicina a formas de saber, como a estatística.

Foucault (1976) também discute o conceito de biopoder em seu curso *Em defesa da sociedade*, onde investiga a configuração do poder nas sociedades ocidentais, tomando a vida como objeto de regulação. Foucault argumenta que, desde o século XVII, houve uma transformação do poder soberano, que antes tinha o direito sobre a vida e a morte dos súditos, para um poder que visa a produção e o controle da vida. Nesse novo regime, o poder não apenas mata, mas também busca aperfeiçoar os processos vitais.

Essa nova forma de poder, centrada na produção da vida, não eliminou as crueldades e genocídios, mas os acompanhou e intensificou. Foucault (1978) destaca que o poder biopolítico tem uma lógica de equivalência entre vida e morte, e isso levou ao surgimento de fenômenos como o racismo de Estado. O racismo de Estado é uma forma de purificação da população por meio da eliminação de grupos étnicos, baseado na ideia de que a morte dos outros traz uma vida mais saudável e pura para a população em geral.

Foucault (1978) reconhece que regimes totalitários, como o stalinismo e o nazifascismo, radicalizaram os mecanismos políticos já presentes nos Estados modernos, revelando a crueldade inerente à racionalidade ocidental. Esses regimes foram marcados por grandes partidos políticos, aparatos policiais, campos de trabalho, controle disciplinar do tempo e do espaço, entre outros mecanismos de poder.

No entanto, é importante destacar que o exercício do biopoder nem sempre ocorre de maneira benigna e emancipatória. O caso de Dandara ilustra a violência e a opressão presentes nesse contexto. Dandara foi vítima de um crime motivado por preconceito de gênero e

intolerância, evidenciando a existência de mecanismos de poder que excluem e marginalizam determinados grupos sociais.

A soberania, enquanto forma de poder, tem como característica central o direito do soberano sobre a vida e a morte dos súditos. No entanto, o poder soberano não atua de forma imediata sobre a vida, mas utiliza a ameaça da morte como um instrumento de controle. No caso de Dandara, a violência extrema resultou em sua morte, revelando a face mais cruel desse poder soberano que nega a existência e a dignidade de certos indivíduos.

Além disso, a disciplina desempenha um papel fundamental na atuação do biopoder. Por meio de técnicas de adestramento e vigilância, busca-se a normalização dos corpos e comportamentos, visando à produtividade e ao funcionamento social. No entanto, a imposição de normas e padrões, como a heteronormatividade, muitas vezes leva à exclusão e à marginalização daqueles que fogem das expectativas impostas pela sociedade. Dandara, como uma travesti, enfrentava constantemente a discriminação e a violência em virtude de sua identidade de gênero, sendo alvo de um sistema disciplinar que buscava controlar e reprimir corpos que não se enquadrassem nas normas estabelecidas.

De acordo com Foucault (1976), no curso *Em defesa da sociedade*, a biopolítica, enquanto forma de poder que atua sobre a população como um todo, se manifesta por meio do controle e regulação dos fenômenos biológicos e sociais. O racismo de Estado, mencionado por Foucault, é um exemplo desse poder que busca purificar a população por meio da eliminação de determinados grupos étnicos. Nesse contexto, a vida de alguns, como no caso Dandara, é sacrificada em nome da preservação e aprimoramento da vida de outros, criando-se uma lógica perversa que equaciona vida e morte.

O caso de Dandara evidencia a necessidade de questionar e problematizar as formas de poder presentes na sociedade, especialmente aquelas que resultam em opressão, discriminação e violência. O biopoder, ao atuar sobre os corpos e a vida das pessoas, precisa ser constantemente analisado e confrontado, a fim de buscar relações de poder mais justas, inclusivas e respeitosas com a diversidade humana.

O biopoder é um mecanismo que diretamente influenciou o assassinato de Dandara, destacando a interseccionalidade de sua identidade como travesti, negra, pobre e periférica que visa controlar e regular os processos das massas, assegurando, na teoria, a vida da população como um todo.

A partir do século XVIII, a percepção do homem como possuidor de um corpo e membro de uma espécie, deu origem a uma preocupação com a preservação da vida. Foi assim que

proporcionou o surgimento de uma biopolítica voltada para a regulamentação dos corpos e das condutas, visando controlar aquilo que possa limitar a vida do homem enquanto parte da espécie humana e esse contexto propicia o surgimento do biopoder como uma ferramenta fundamental para essa tecnologia de poder.

O biopoder vai além das relações de poder que ocorrem no plano individual, adentrando o espaço da população como um todo. Foucault (1978) destaca a ampliação das preocupações com a saúde e o bem-estar coletivo, levando ao estabelecimento de políticas de policiamento e medidas de controle, tais como uma medicina voltada para a higiene pública, coordenação dos tratamentos médicos, centralização da informação e campanhas de aprendizado sobre higiene e medicalização da população. Essas medidas têm como objetivo preservar a vida da população e controlar questões como natalidade e mortalidade, representando mecanismos de poder do biopoder.

Ao relacionar o poder soberano com o biopoder, é possível compreender as transformações que ocorreram no direito político do século XIX. O biopoder complementa o poder de soberania, não com o intuito de excluí-lo, mas de modificá-lo. Enquanto o poder soberano detinha a capacidade de "*fazer viver*" ou "*fazer morrer*", o biopoder introduz uma nova tecnologia de poder que também pode "*deixar morrer*". O biopoder exerce seu domínio sobre o homem coletivo, controlando a vida e a morte, em contraste com o poder soberano, que tinha um caráter mais sombrio e se baseava principalmente no poder de fazer morrer.

No caso de Dandara, é possível estabelecer uma conexão entre o biopoder e seu assassinato. Como uma pessoa que fugia dos esquadros (queer) sociais estabelecidos, Dandara representava uma ameaça às normas e às estruturas de poder. Sua identidade como travesti, negra, pobre e periférica a colocava em uma posição de vulnerabilidade frente ao biopoder, que busca controlar e regular corpos e condutas para assegurar a vida da população. Os assassinos, ao proferirem xingamentos e frases de extermínio durante o ato de violência, demonstram a influência do biopoder na perpetração desse crime, já que a ação de "*deixar morrer*" se manifesta de maneira explícita.

Nesse sentido, a análise teórica dissertativa revela como o biopoder se configura como um mecanismo de controle social que perpetua a marginalização e a violência contra grupos socialmente excluídos, como Dandara.

O biopoder, ao buscar preservar a vida da população, estabelece padrões normativos que excluem e discriminam aqueles que não se enquadram nas normas estabelecidas. Dandara, ao

fugir dos esquadros sociais e desafiar as expectativas impostas pela sociedade, tornou-se alvo dessa lógica de exclusão e controle.

É importante ressaltar que o biopoder não age de forma isolada, mas sim em conjunto com outros sistemas de opressão, como o racismo, a transfobia e a discriminação de classe. A interseccionalidade das identidades de Dandara evidencia como esses mecanismos de poder se entrelaçam, intensificando sua marginalização e vulnerabilidade. A violência sofrida por Dandara não pode ser dissociada dessas opressões interligadas, pois são elas que conferem sentido e legitimidade à ação dos assassinos.

Além disso, o biopoder opera de forma sutil e difusa, atuando por meio de práticas disciplinares e regulamentações sociais que moldam os corpos e comportamentos, reforçando as hierarquias e desigualdades existentes. Dandara, ao desafiar essas normas, representava uma ameaça à ordem estabelecida, o que pode ter desencadeado a reação violenta por parte dos assassinos. A busca pelo controle e a reafirmação das estruturas de poder são características intrínsecas ao biopoder, e a violência contra aqueles que fogem das normas é uma forma de manter e reforçar tais estruturas.

Diante desse contexto, é fundamental problematizar e questionar o papel do biopoder na sociedade contemporânea. A análise teórica dissertativa de o casulo Dandara permite compreender como o biopoder se manifesta nas práticas sociais, nas instituições e nas relações de poder, contribuindo para a perpetuação da exclusão, violência e marginalização de determinados grupos. Para combater essas opressões, é necessário desnaturalizar e desafiar as normas impostas, promovendo uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder e construindo uma sociedade mais inclusiva, justa e igualitária.

O assassinato da travesti Dandara é um trágico exemplo das consequências nefastas do exercício do poder e da influência do biopoder em nossa sociedade. Dandara, foi vítima de um crime motivado pela intolerância, preconceito e ódio.

Para compreender como o biopoder desempenhou um papel direto nesse assassinato, é essencial analisar os conceitos e as ideias propostas por Foucault (1978). Enquanto o poder disciplinar se concentra no controle individualizado do corpo, o biopoder opera em um nível mais amplo, dirigindo-se não apenas ao corpo individual, mas à população como um todo.

Através da biopolítica, o biopoder busca regular as relações entre a espécie humana e o ambiente em que vive. No caso de Dandara, sua identidade de gênero, sexualidade e sua posição social periférica a colocaram em uma posição de vulnerabilidade dentro dessa estrutura de

poder. Dandara fugia dos esquemas sociais preestabelecidos, desafiando as normas de gênero e subvertendo as expectativas tradicionais.

Em um fim de semana, Dandara foi com suas amigas para um forró, numa casa de shows. O forró ficava no Conjunto Ceará, e era a sensação do momento. Mich aely, Jorraina, Silvinha e Ritiely estavam com Dandara, que neste dia, foi usar o banheiro de mulheres. Um rapaz a viu entrando no banheiro e se sentiu incomodado, mandou que ela usasse o banheiro de homens e disse: “tá ficando louco, viado? Vai usar o banheiro de macho, que é o que tu é!”. Dandara disse que ela usaria o de mulher, e o rapaz com muita truculência passou a agredir Dandara, as travestis viram de longe e correram para neutralizar o agressor. Porém, Dandara já havia levado uns socos. (HOLANDA, 2021 p.107)

A interseção entre gênero, sexualidade e identidade de gênero torna Dandara uma vítima especialmente vulnerável. O biopoder, ao reforçar a cisnormatividade e a heteronormatividade, perpetua a exclusão e a discriminação contra pessoas travestis, alimentando um ciclo de violência e opressão.

É fundamental destacar que o biopoder não age de forma isolada, mas se entrelaça com outros mecanismos de poder presentes em nossa sociedade, como o patriarcado, o racismo estrutural e a desigualdade socioeconômica. Essas estruturas de poder interseccionais convergem para criar um ambiente hostil e perigoso para pessoas marginalizadas, como Dandara.

A análise sobre o biopoder e sua relação com o assassinato de Dandara revela a necessidade urgente de desconstruir e desafiar essas estruturas de poder opressivas sendo necessário promover uma cultura de respeito, igualdade e inclusão, que reconheça e valorize a diversidade de identidades de gênero e sexualidade.

A luta contra a violência e a marginalização de pessoas queers e de outras identidades marginalizadas deve ser uma prioridade em nossa sociedade sendo necessário desconstruir os discursos de ódio, promover a educação inclusiva, garantir a proteção legal e o acesso a serviços de saúde e apoio psicossocial adequados.

Dandara já vinha emagrecendo ano a ano. Essas agressões ocorriam e o estado de saúde dela não permitia sequer defender-se das ações covardes que sofria. Já estava magrinha, com aspecto envelhecido, havia começado a beber. Para ela o álcool era uma fuga, recuperava a alegria de antes e se divertia da maneira que podia (...) Lembro-me de ter visto Dandara chorando, certo dia. Foi a única vez que a vi com lágrimas nos olhos. Ela chegou meio arranhada. (HOLANDA, 2021, p.108)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões apresentadas nos principais capítulos desta dissertação, podemos compreender que os processos de constituição de novas subjetividades, em relação à identidade de gênero e orientação sexual, são fruto das transformações sociais ocorridas a partir do século XIX. As análises de estudiosas como Gayle Rubin nos mostram que o sistema sexo-gênero está presente em todas as sociedades humanas, moldando as concepções e práticas relacionadas ao corpo e à reprodução.

A experiência travesti evidencia a multiplicidade de expressões de gênero, revelando a existência de uma diversidade de femininos e masculinos, como destacado por Berenice Bento (2006). O sujeito travesti, ao se deslocar das certezas impostas pela sociedade, abre espaço para repensar a condição humana e a complexidade do corpo, conforme apontam Filho e Souza (2018).

Na biografia de Holanda (2019) sobre Dandara, encontramos a narrativa de sua jornada de autodescoberta e transformação. O salão de Marcinha se torna um espaço de encontro e identificação, onde outras travestis assumidas são referências para Dandara e suas amigas. A travesti busca corrigir a natureza biológica por meio de truques e artifícios, como maquiagem, perucas e vestidos, incorporando gestos e performances que refletem as expectativas de uma mulher na sociedade.

A transição de Dandara e suas amigas para uma identidade feminina é marcada por momentos significativos, como a escolha de novos nomes e a frequência ao bar do Cajueiro, que se torna um ponto de encontro para gays e travestis. Nesse espaço, elas podem ser quem são, sem medo de julgamentos, rompendo com o casulo que as aprisionava.

A biografia de Dandara revela a precariedade da vida de muitas pessoas travestis, expondo a falta de políticas públicas adequadas. A questão de sair do armário é analisada à luz das relações de poder e resistência, conforme apontado por Halperin e Miskolci. A obra de Judith Butler nos convida a repensar conceitos fundamentais, como precariedade, vulnerabilidade e pertencimento corporal, a fim de construir uma nova ontologia que valorize a diversidade e a complexidade das experiências corpóreas.

Em última análise, a dissertação sobre Dandara nos leva a refletir sobre a natureza da existência e o valor atribuído às diferentes vidas. A proposta de Butler nos desafia a questionar as normas fixas e hierarquias que definem o que é considerado uma vida digna e o que é uma

vida, abrindo espaço para uma reflexão mais inclusiva e interseccional sobre os direitos e as demandas de diversos corpos.

A análise do corpo transexual na sociedade revela como as nomeações de gênero feitas desde o nascimento, como "é uma menina" ou "é um menino", estabelecem expectativas e normas de masculinidade e feminilidade. Essas nomeações têm o poder de determinar o rumo e a direção que um corpo deve seguir, impondo uma lógica binária e normativa. No entanto, a sexualidade e a identidade de gênero são processos complexos e fluidos, que vão além das definições estabelecidas pela sociedade.

No contexto da luta pela igualdade e pelos direitos da comunidade LGBTQIAPN+, é importante reconhecer e valorizar as diversas identidades e vivências que compõem essa comunidade. A categoria "minorias" só pode ser definida pela própria comunidade LGBTQIAPN+, que enfrenta hostilidade e discriminação em diferentes contextos. Os estudos queers têm o papel de desconstruir os discursos normativos e universalizantes, questionando as hierarquias e promovendo uma análise crítica das categorias de minorias, gênero e identidade.

No entanto, é fundamental evitar a ideia de uma identidade coletiva utópica dentro da comunidade queer, pois isso pode levar à invisibilização e negação das experiências individuais e diversas que compõem essa comunidade. Cada pessoa dentro da comunidade queer possui suas próprias vivências, lutas e identidades específicas, e é importante reconhecer e valorizar essa multiplicidade.

A análise do corpo transexual na sociedade traz à tona a questão do controle e do território. Guacira Lopes Louro destaca a maneira como a nomeação de um corpo como masculino ou feminino inicia um processo de masculinização ou feminização compulsória, impondo normas que regulam a cultura e moldam as identidades individuais (Louro, 2004). Essa divisão binária entre masculino e feminino é imposta desde o nascimento, com a associação das cores azul e rosa, e cria fronteiras rígidas que estigmatizam aqueles que desafiam essas categorias pré-determinadas (Borrillo, 2000).

A sociedade, no entanto, muitas vezes não compreende e aceita as identidades travestis, impondo discriminação, violência e marginalização aos corpos que desafiam as normas estabelecidas. O corpo travesti torna-se um alvo do controle social, onde os indivíduos são excluídos e tratados como "desertores" do gênero ao qual supostamente pertenceriam (Borrillo, 2000). Essa repressão e estigmatização refletem o poder do sistema heteronormativo e binário, que busca manter a ordem e a hegemonia.

É fundamental criar espaços seguros e inclusivos para que as pessoas dissidentes de gênero possam viver autenticamente, sem medo de discriminação, violência ou exclusão. Isso implica em garantir o acesso a direitos básicos, como saúde, educação, emprego e moradia, de forma que as pessoas travestis possam exercer sua cidadania plena e ter suas identidades respeitadas.

A narrativa dominante heterocisnormativa muitas vezes retrata as pessoas travestis como anormais, doentes ou caricatas, reforçando preconceitos e marginalizando essa comunidade. A promoção de narrativas positivas e empáticas, que respeitem a diversidade de experiências queers, é essencial para combater a discriminação e promover a aceitação.

A educação desempenha um papel fundamental na desconstrução das normas de gênero e na promoção da inclusão. É necessário incluir nos currículos escolares uma educação sexual abrangente, que aborde questões de identidade de gênero e diversidade sexual, desde cedo. Isso contribuirá para a formação de uma sociedade mais informada e respeitosa em relação às pessoas dissidentes de gênero e suas experiências.

No âmbito legal, é necessário garantir a proteção dos direitos das pessoas travestis e trans, incluindo o reconhecimento legal de suas identidades de gênero e a criminalização da transfobia. Leis antidiscriminação abrangentes e políticas públicas inclusivas são fundamentais para combater a exclusão e garantir a igualdade de oportunidades para as pessoas travestis.

O estudo apresentou a noção de corpos dissidentes como uma forma de resistência e subversão às normas sociais e de gênero estabelecidas. Dandara, uma travesti, pobre, preta e periférica, personifica esse corpo dissidente, enfrentando uma série de opressões e violências em sua vida. Ao discutir o dispositivo de biopoder, esse estudo destaca como as estruturas sociais e institucionais exercem controle sobre os corpos dissidentes, moldando e regulando suas vidas. O assassinato de Dandara evidencia a violência sistemática e a discriminação enfrentadas por pessoas travestis, especialmente aquelas que são racializadas.

Ressalto a importância de reconhecer e combater as estruturas de poder e biopoder que perpetuam essas violências. A teoria queer oferece ferramentas conceituais e analíticas para desafiar as normas opressivas e abrir espaço para a diversidade de corpos e identidades. O caso de Dandara serve como um lembrete doloroso de que ainda há um longo caminho a percorrer na luta pelos direitos e pela dignidade das pessoas queers e dissidentes de gênero.

A vida precária de Dandara e de tantas outras pessoas travestis deve ser um chamado para a ação, uma lembrança de que todos nós temos a responsabilidade de lutar por uma sociedade mais inclusiva e acolhedora.

Ao concluir esta dissertação, é crucial refletir sobre as áreas que não foram exploradas devido às limitações temporais e as perspectivas de futuras pesquisas. As questões que permanecem sem resposta, os caminhos não trilhados e as limitações enfrentadas ao longo deste estudo merecem nossa atenção. Isso inclui questões relacionadas à percepção do "belo" e como essa percepção pode ter contribuído para as agressões à Dandara. Além disso, é relevante investigar os motivos que levam alguém a escrever uma biografia, seus objetivos, motivações e como, no caso de Vitoria Holanda, isso afeta nossa visão e nossa interpretação de Dandara por meio do olhar da biógrafa.

Acredito que o compromisso contínuo com questões de gênero, sexualidade e direitos humanos é fundamental para impulsionar mudanças significativas. Como pesquisadores, podemos manter e fortalecer esse compromisso no futuro.

A avaliação da bibliografia utilizada desempenhou um papel fundamental. No entanto, é importante notar que, embora tenhamos explorado uma ampla variedade de fontes, a literatura disponível foi insuficiente. A inclusão de outras perspectivas e fontes poderia enriquecer ainda mais a pesquisa. Infelizmente, não tive acesso direto a certos documentos oficiais relacionados ao assassinato de Dandara e Holanda também não pôde oferecer uma visão ampla sobre, por exemplo, a condenação dos assassinos, bem como o impacto atual na comunidade do Cajueiro e no conjunto Ceará após a repercussão do caso.

Este estudo buscou contribuir para uma compreensão mais profunda dessas complexas e urgentes questões de gênero e corpos dissidentes. Ao escrever as considerações finais desta dissertação, é importante lembrar que as conclusões alcançadas representam um convite para reflexões futuras e ações contínuas.

A jornada em direção à igualdade de gênero e sexualidade é uma estrada longa, e cada pesquisa, cada estudo, cada ação, representa um passo em direção a uma sociedade mais justa e inclusiva para todos os corpos dissidentes.

Que a memória de Dandara nos inspire a transformar o luto em movimento, a tristeza em empatia e a violência em solidariedade, para que, um dia, possamos colher os frutos de um mundo onde todas as vidas sejam verdadeiramente valorizadas e possam florescer em toda a sua exuberância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A IMUNDÍCIA TÁ DE CALCINHA: **linchamento de travesti Dandara na periferia de Fortaleza - CE, Brasil**. Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação, Paulo Afonso, v. 8, e132003, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35984/1/BILITÁRIO%20Bruno%20Freitas%20FREIRE%20Rebeca%20Sobral%20A%20imundícia%20tá%20de%20calcinha.pdf>. Acesso em: 14 out. 2023.

BASTOS, Elisani de Almeida. **A IDADE CHEGA PARA TODAS AS PESSOAS?** Interloquções entre trans-identidade de gênero, envelhecimento e Serviço Social. 2022. 110 p. Mestrado — UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://x.gd/CmHHt>. Acesso em: 10 nov. 2023

BENTO, Berenice. **A reinvenção corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006

_____. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 1, 2008.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia:** história e crítica de um preconceito. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio:** uma política do performativo. 1. ed. São Paulo: UNESP Editora, 2021.

BUTLER, Judith. **Gender trouble:** feminism and the subversion of identity. Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter:** on the discursive limits of sex. Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** Feminismo e subversão da identidade. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra:** quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015b.

BUTLER. **Why bodies Matter** – Gender Trouble. Conference. 2015

BUTLER, Judith. **Vida precária**. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 2009.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015a.

CARINO, Jonaedson. **A biografia e sua instrumentalidade educativa**, 1999.

CAVICHIOLO, Anderson. **Dandara Katheryn**: a mulher do nome bonito. 1. ed. Bahia: Devires, 2021.

COCCEIANUS, Cassius Dio. **História romana**: Volume IV. 1. ed. Inglaterra: Wentworth Press, 2019.

COCCEIANUS, Cassius Dio. **Dio's Roman history**. London: W. Heinemann, 1914.

FIRESTONE, Shulamith. **The dialectic of sex**: The Case for Feminist Revolution. 1 ed. São Paulo: Farrar, Straus and Giroux, v. 1, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, v. 1, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: A vontade de saber - Volume I. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. 1 ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, v. 1, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. 1 ed. Rio de Janeiro: Martin Fontes PD35, v. 1, 2020.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GEARINI, Victória. **Dandara Santos**: o brutal assassinato que chocou o país. 24 out. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/vitrine/dandara-santos-o-brutal-assassinato-que-chocou-o-pais.phtml>. Acesso em: 27 out. 2023.

GAMSON, Jhoshua. **As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa**. IN DENNIN, Norman K.; Yonna S (org.) O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GHZ LIVROS. **J.K. Rowling e a transfobia: entenda a polêmica com autora de "Harry Potter"**. Disponível em: <https://x.gd/JD5qr> Acesso em: 25 jul. 2022.

HADDAD, Maria Irene Delbone et al. **Judith Butler: performatividade, constituição de gênero e teoria feminista**. Anais V ENLAÇANDO... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30620>>. Acesso em: 02/02/2023

HOLANDA, Vitória. **O casulo Dandara**. 1. ed. Fortaleza: Cene Editora, 2019.

HOLMES, R. (2008). **The age of wonder**: how the romantic generation discovered the beauty and Terror of Science. Vintage.

HOLMES, Richard. **The age of wonder**: How the Romantic Generation Discovered the Beauty and Terror of Science. 1 ed. Inglaterra: HarperPress, v. 1, 2011.

HYPENESS. **J.K. Rowling perde vergonha de esconder preconceito e divulga loja de produtos transfóbicos**. Disponível em: [https:// https://x.gd/sgnbE](https://x.gd/sgnbE). Acesso em: 25 jul. 2022.

JUDITH Butler: **Conceitos de performance e de gênero**. São Paulo, You Tube, 2022. 1 vídeo (00:14). Publicado pelo Alfredo Oliva. Disponível em: <https://x.gd/ifWcU>. Acesso em: 3 jun. 2022.

LEJEUNE, Philippe. **L'autobiographie en France**. Paris: Armand Colin, 1971.

LEJEUNE, Philippe. **O entusiasmo pela palavra e pela ideia de autobiografia**. In: O pacto autobiográfico e outros estudos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. In: **O pacto autobiográfico e outros estudos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUCCA, Bruno. **Brasil é o país que mais mata transexuais e travestis pelo 14º ano seguido**. 26 jan. 2023. Disponível em: <https://x.gd/Vxn8h> Acesso em: 27 out. 2023.

MARK ZIMMERMAN. **MSD manuals**. [S.l.]. Rhode Island Hospital, 2022. Disponível em: <https://x.gd/H9BDz>. Acesso em: 3 jun. 2022.

MILLETT, Kate. **Política sexual**. 1 ed. Espanha: Ediciones Cátedra; edición, v. 1, 2017.

MISKOLCI, Richard *et al.* **Fora do sujeito e fora do lugar**: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. *Gênero*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 7, p. 257-269, 2002. Disponível em: <https://x.gd/J3vQ2>. Acesso em: 9 jun. 2020.

MONDARDO, Marcos Leandro. **O Corpo enquanto “primeiro” território de dominação: O Biopoder e a Sociedade de Controle**. Biblioteca on-line de ciências da comunicação, Universidade Federal da Grande Dourados, v. 1, n. 2020, p. 1-11, jul./2022. Disponível em: <https://x.gd/onqTj> Acesso em: 6 jul. 2022.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo: feminismos plurais**. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NASCIMENTO, Érico; FERNANDEZ, Osvaldo. **Espaços de sociabilidade homossexual em Salvador: há um gueto gay? HÁ UM GUETO GAY?** 2010. Encontros de estudos

multidisciplinares em cultura. Disponível em: <http://cult.ufba.br/wordpress/24920.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2023.

GELEDÉS. **Nova York passa a reconhecer 31 gêneros diferentes**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nova-york-passa-reconhecer-31-generos-diferentes/>. Acesso em: 27 out. 2023.

OLIVA, Alfredo. **Foucault e Butler: A vida psíquica do poder**. YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=neuTA6zt11U&ab_channel=AlfredoOliva>. Acesso em: 28 out. 22.

OLIVEIRA, Francine Natasha Alves de. **Gênero, cultura e o dispositivo da transexualidade: a formação da identidade travesti no Brasil**. Darandina: Revisteletrônica, Juiz de Fora, v. 1, n. 10, p. 1-20, jan. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.com.br>

PAULA, Izadora. **Há três anos, Dandara dos Santos era torturada e morta em rua de Fortaleza**. 15 fev. 2020. Disponível em: <https://x.gd/LkG0q>. Acesso em: 27 out. 2023.

OPINIÕES Universa - **Transfobia no limite: por que prostituição não é "questão de escolha"**. 20 maio 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/2021/05/20/transfobia-no-limite-por-que-prostituicao-nao-e-questao-de-escolha.htm>. Acesso em: 27 out. 2023.

REVISTA SUBJETIVIDADES. **SciELO - Scientific electronic library online**. Rev. Subj. vol.16 no.3. Fortaleza: SciELO - Scientific electronic library online, 2016. Disponível em: <https://x.gd/qVIHn>. Acesso em: 3 fev. 2021.

ROCHA JUNIOR, Alberto Ferreira da (org.). **Narrativas (auto)biográficas: literatura, discurso e teatro**. 1 ed. São João del-Rei - Minas Gerais: UFSJ, 2014.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. 1. ed. São Pulo: Autêntica, 2019.

SANTOS, Edmilson. **Teoria da subcultura delinquente**. 11 nov. 2014. Disponível em: <https://x.gd/eH3l5>. Acesso em: 10 nov. 2023

SILVA, Semíramis Corsi. **Os Galli, sacerdotes de Cibele: Representações literárias femininas e possibilidades sobre as práticas de castração ritual**. Notandum, São Paulo, v. 56, n. 56, p. 2-22, ago./2021. Disponível em: <https://x.gd/66em0>. Acesso em: 25 mai. 2022.

SILVA HRS. **Travestis: entre o espelho e a rua**. Rio de Janeiro (RJ): Rocco; 2007.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a Teoria queer: seguido de ágape e êxtase: orientações pós-seculares**. 1. ed. Belo Horizonte: Argos - Autêntica, 2017.

SOUZA DE MELO, G. **O caso de Dandara dos Santos: sobre a violência e o corpo dissidente**. Revista Periódicus, [S. l.], v. 1, n. 10, p. 72-84, 2018. DOI: 10.9771/peri.v1i10.27751. Disponível <https://x.gd/GiCsF>. Acesso em: 25 jul. 2022.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

SOUZA, Luis Antônio Francisco de; SABATINI, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Boris Ribeiro de (org.). **Michel Foucault sexualidade, corpo e direito**. São Paulo: Unesp, 2011. 2018 f.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. 1 ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, v. 1, 2003.

TAMER, Luiz. **Teoria da subcultura delinquente: Teorias da criminologia**. 1 ed. Juiz de Fora: Universidade Salgado de Oliveira, v. 1, 2018.

WIRTH, Louis. [1928]. **O urbanismo como modo de vida**. In: VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

VIDARTE, Paco. **Ética Bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ**. Tradução por Maria Selenir Nunes dos Santos e Pablo Cardellino Soto. São Paulo: n-1 edições, 2019.